



**INTA – INSTITUTO SUPERIOR DE TEOLOGIA APLICADA
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

FÁBIO CRISTIANO DA SILVA ROCHA

**ANÁLISE E DISCUSSÃO DA METODOLOGIA DE ENSINO APLICADA
PELO PROFESSOR JOSÉ PACHECO NA ESCOLA DA PONTE
(PORTUGAL)**

**SOBRAL- CE
2015**

FÁBIO CRISTIANO DA SILVA ROCHA

**ANÁLISE E DISCUSSÃO DA METODOLOGIA DE ENSINO APLICADA
PELO PROFESSOR JOSÉ PACHECO NA ESCOLA DA PONTE
(PORTUGAL)**

Monografia apresentada ao Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em pedagogia, sob orientação do (a) Prof.(a). Mestre Léa Barbosa de Sousa.

**SOBRAL-CE
2015**

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

NOME DO ALUNO

Monografia apresentada em ____/____/____

Orientadora Prof^a. Ms. Léa Barbosa de Sousa

1^a Examinadora Prof^a. Ms. Graça Maria de Morais Aguiar e Silvia

2^a Examinador Prof^o. Ms. Renato Carneiro da Silva

Coordenadora Prof^a. Ms. Graça Maria de Morais Aguiar e Silvia

Este trabalho é dedicado ao senhor Jesus Cristo, por expressar de forma clara o quanto era da sua vontade a minha formação profissional.

Gostaria de dedicar, de uma forma especial, ao Padre Wirmerson de Souza, por ter proporcionado todas as condições necessárias para que eu concluísse o meu curso superior.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem a permissão do nosso bom Deus e de sua mãe Maria Santíssima e a colaboração dessas pessoas:

Ao meu pároco Padre Wirmerson de Souza, simplesmente, por tudo...

À minha orientadora, professora Léa Barbosa de Sousa, por me apoiar e incentivar a elaborar um trabalho de tema tão instigante.

À professora Vanessa Nobre, por retificar os meus erros gramaticais, sem alterar a essência do meu trabalho.

Ao coordenador do núcleo de Consolidação da Escola da Ponte Paulo Topa, esclarecendo minhas dúvidas para que o trabalho fosse fiel à proposta da escola.

À professora Filadélfia Sena, por contribuir de forma eficaz na minha formação acadêmica.

À professora Nivalda Sousa, por sempre confiar e acreditar no meu trabalho e por contar com minha contribuição no espaço institucional.

À minha colega de turma Benedita Sousa, por me ajudar com os trabalhos, projetos, pesquisas e troca de informações.

Por fim, a todos que, de forma direta e indireta, cooperaram com a realização deste trabalho.

“O mundo dos métodos de ensino e o dos processos de aprendizagem estão ainda separados. A forma como o professor ensina ainda não foi relacionada com a forma como o estudante aprende”.

José Pacheco.

RESUMO

É proposta deste trabalho, analisar a metodologia de ensino desenvolvida na Escola da Ponte, criado por seu idealizador Professor Pacheco. Em 1976, havia centenas de alunos com a qualidade de ensino precário e com a criação e aplicação da metodologia Pontista esta realidade foi mudando. A escola em 2004 obteve o melhor resultado nos “concursos” escolares de Portugal. O processo de ensino-aprendizagem se dá por meio do círculo de estudos, onde os educadores têm a função de orientar, caso seja solicitado. Cada aluno é responsável pela formação acadêmica e social de todos os colegas do círculo. Os discentes são avaliados no dia a dia, respeitando o seu tempo de aprender e a escolha de como e quando quer ser avaliado. A escola tem como sustentáculos o corpo docente, o seu idealizador, o professor José Pacheco e o projeto Fazer a Ponte (PPP). Não há formação específica para lecionar na Ponte. E todos os alunos, com síndromes ou não, participam das atividades coletivamente, fazendo inclusão para os docentes e discentes. Considerando o progresso Pontista na educação inclusiva, é diagnosticado o quanto a inclusão no Brasil está longe do seu objetivo central, por isso é interessante aspirar a novas práticas inclusivas, adaptando-as em cada realidade local. Os principais autores que muito contribuíram para a realização deste trabalho são: Alves (2004), Pacheco (2008) e Rosa (2008). A educação perpassa a imutabilidade, sendo uma ação reflexiva e flexível, dessa forma, ensinar e aprender, diante de suas inúmeras variações, deve ser configurado e exercitado cotidianamente, de forma irreverente.

Palavras - chave: Autonomia, Inclusão, Escola da Ponte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I: ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA DA PONTE, ESCOLA DE TODOS.	10
1.1 O QUE É A ESCOLA DA PONTE.....	10
1.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA ESCOLA DA PONTE.....	16
1.3 AS COLUNAS DA PONTE.....	22
1.4 A ESCOLA DO SONHO DE RUBEM ALVES.....	29
1.4.1 Dados biográficos de Rubem Alves.....	29
CAPÍTULO II: O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	34
2.1 O CÍRCULO DE ESTUDO.....	34
2.2 A FORMAÇÃO ENQUANTO MEDIAÇÃO.....	38
2.3 METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO.....	42
CAPÍTULO III: A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA: DESAFIO E INOVAÇÃO BASEADOS NO MODELO DA ESCOLA DA PONTE.....	47
3.1 A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA DA PONTE AO ENSINO BRASILEIRO.....	47
3.2 DIFERENÇAS ENTRE O ENSINO BRASILEIRO E O ENSINO DA ESCOLA DA PONTE.....	51
4 CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

No processo de ensino e aprendizagem tradicional são inúmeros os métodos que influenciam no desenvolvimento cognitivo. A Escola da Ponte, com seu ensino democrático, ultrapassam os objetivos dos demais ensinamentos priorizando valores como a solidariedade, a autonomia e a responsabilidade. Nesse sentido, notamos a necessidade de abordar uma metodologia que seja capaz de proporcionar um fortalecimento intelectual e humano.

O interesse em pesquisar sobre o assunto surgiu com a percepção que a educação, em alguns casos, encontra-se em um movimento retardatário, tornando-se apático para o discente e incompatível com o tempo contemporâneo.

A relevância da pesquisa justifica-se no interesse em melhorar a didática de ensino e proporcionar uma metodologia que seja simples e eficaz, viabilizando uma educação de qualidade para todos, tendo como objetivo averiguar novas vias para a educação inclusiva e para os demais públicos que tenham dificuldade de progredir no ensino posto em prática nas escolas convencionais.

O procedimento usado no projeto em questão é de caráter analítico e discursivo, empregando método investigativo a fim de descrever de forma estreita um ensino de qualidade diferenciado. Os diagnósticos da pesquisa se deram a partir do estudo feito com documentos e relatos de pessoas ligadas à escola em questão, através de entrevistas acessíveis por meio de textos e áudio vídeo.

Considerando que a educação inclusiva brasileira ainda se encontra longe do seu objetivo central, poderiam ser incorporadas algumas práticas educativas do Projeto Fazer a Ponte, adaptando essas metodologias à realidade local e interá-las no âmbito da educação inclusiva, para que os alunos sejam ativos e participativos na prática escolar, pois em muitos casos não passam de meros expectadores. A maneira que a Ponte faz inclusão é muito simples, é respeitando cada criança como ser único, na maturação, no ensino e na via de evolução dos alunos, que são próprios de cada um, tendo esses alunos necessidades especiais ou não.

A comprovação da qualidade de educação na Ponte tem uma grande importância para a instituição em questão, pois o ensino não segue a sugestão do Estado português, esclarecendo que a inovação em novas práticas de ensino onde não há turmas, salas de aula, séries, horários iniciais e horário final e sem aulas

formais. A Escola da Ponte vem ao longo dos anos revolucionando a educação contemporânea, esclarecendo a todos que não há uma única forma de ensinar e aprender, pois não somos parecidos e nem tão pouco temos as mesmas habilidades e competências.

O trabalho é composto por três capítulos: No primeiro capítulo falamos sobre uma escola pública de qualidade para todos; no segundo capítulo abordamos o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido na Escola da Ponte e por fim no terceiro capítulo verbalizamos sobre a escola pública brasileira e seus desafios para fazer inovação dentro da ótica pontista.

CAPÍTULO I: ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA DA PONTE: ESCOLA DE TODOS.¹

1.1 O QUE É A ESCOLA DA PONTE

A Escola Básica da Ponte ou Escola da Ponte, como é conhecida, está localizada na Rua São Luís de Andrade, desde o ano de 2011. São Tomé de Negrelos, Santo Tirso, (até o ano de 2010 localizava-se em Vila das Aves) a 38,3 Km da cidade de Porto, ao norte de Portugal.

A escola estrutura-se com a participação ativa de seus componentes e sustenta-se norteada em valores pré-estabelecidos, tais como: oferecer um ensino diversificado tendo como principal motivação os direitos humanos, promover uma educação igualitária, fomentar a pesquisa no âmbito do trabalho coletivo e na troca mútua de conhecimentos, criar em todas as áreas e situações um trabalho formativo, embasado na solidariedade e responsabilidade constante.

Por sua vez, os alunos têm vez e voz, por serem democráticos e atuantes em todos os aspectos dentro do ambiente escolar. São protagonistas do ensino ministrado e criado na Ponte, por serem os principais promotores na organização e nas decisões a serem tomadas. (Situações discutidas nas Assembleias) A escola é vista como um instrumento fundamental na solidificação da cidadania, onde toda a comunidade escolar tem a oportunidade de vivenciar situações que possibilitem essa prática.

Com base nas leituras realizadas, a escola da Ponte difere das demais por ser uma escola pensada para todos. O ser humano é visto holisticamente, mesmo apresentando limitações.

Os conflitos e rejeições foram marcantes na idealização do projeto pela comunidade local, assim como a sociedade com destaque para a igreja católica, políticos e empresários, que rejeitavam a proposta pedagógica do professor José Pacheco (1976). O corpo docente também enfrentou críticas. Mesmo em meio a

¹ Esclareço que foram usados para melhor informar o leitor, que fizemos uso dos vídeos do idealizador da Escola da Ponte e diálogo com pessoas ligadas à mesma, através das redes sociais, para chegarmos aos dados dissertados aqui.

uma série de entraves, o projeto foi posto em prática e a Escola da Ponte, hoje, é reconhecida como uma escola que prioriza o aluno e sua forma de aprendizagem.

Alguns dados sobre a Escola da Ponte mostram que os professores foram incentivados a contribuir com a evolução da escola, ao realizar um trabalho em equipe, motivando uns aos outros em prol de uma aprendizagem libertadora. Quase quarenta anos depois, a instituição tem os melhores resultados do país em concursos a nível escolar e o projeto está sendo posto em prática em mais de 30 escolas em todo o mundo.

É relevante citar que aqui no Brasil, timidamente, algumas escolas procuram adotar suas propostas pedagógicas tendo como modelo a Escola da Ponte. A Escola Amorim Lima, localizada em Butantã, no Estado de São Paulo, é destaque nesta modalidade de ensino.

A Escola da Ponte, há 39 anos, tem o diferencial de acolher crianças que apresentam diversos transtornos, como Síndrome de Down, autismo, déficit de atenção e hiperatividade, agressividade, traumas advindos dos problemas familiares, entre outros. Ficou elucidado que a Escola da Ponte é uma instituição educativa que prioriza a inclusão. “O termo educação inclusiva cobre variadas tentativas de atender à diversidade total das necessidades educacionais dos alunos nas escolas de um bairro”. Pacheco (2007, p.14). Acrescenta dizendo que há uma considerável variedade no modo como as pessoas definem esse fenômeno.

Complementando a fala acima Pacheco escreve:

A educação inclusiva tem sido discutida em termos de justiça social, pedagogia, reforma escolar e melhorias nos programas. No que tange a justiça social, ela se relaciona aos valores de igualdade e aceitação. As práticas pedagógicas em uma escola inclusiva precisam refletir uma abordagem mais diversificada, flexível e colaborativa do que em uma escola tradicional. A inclusão pressupõe que a escola se ajuste a todas as crianças que desejam matricular-se em sua localidade, em vez de esperar que uma determinada criança com necessidades especiais se ajuste a escola. (PACHECO, 2007,p. 15)

Na Escola da Ponte, o aluno tem autonomia e flexibilidade para montar o seu horário. Em qualquer turno, encontrará condições favoráveis à aprendizagem. Essas condições se dão por meio de participação ativa do educando, desde a escolha dos conteúdos, anseios e expectativas para os assuntos a serem debatidos em sala.

Portanto, fica claro que a relação entre professor e aluno é uma ponte para o conhecimento.

Em sua estrutura, existem salões para todos, onde o ensino se dá de maneira democrática, enxergando a capacidade de aprender de cada um. Há uma integração entre professores e alunos. O corpo docente apresenta liberdade com relação aos dias e horários em que suas aulas serão ministradas. Não há sirenes ou toques informando o término de uma aula para outra começar.

Não há alunos “superdotados” e nem alunos “lentos”, simplesmente, há alunos que são vistos como seres únicos.

É relevante mencionar que o processo de ensino-aprendizagem na Escola da Ponte cumpre as exigências do projeto Fazer a Ponte; é perceptível que a metodologia difere de um ensino “solto”, objetivando resultados a serem alcançados.

Nas escolas tradicionais, um único professor de 1º ao 5º ano é responsável por ministrar todas as disciplinas em suas respectivas turmas. Na Escola da Ponte, a grade curricular é executada com precisão pelo simples fato de cada professor ser especialista em sua área, realizando um trabalho em equipe com uma maturidade curricular bem elaborada. Com isto, as crianças têm uma aprendizagem significativa, integral, diversificada, ativa e socializada.

Para entender a Escola da Ponte é necessário saber como se dão seus métodos avaliativos:

A autoavaliação é uma constante, mas assume maior profundidade no final de cada período e no final do ano escolar. Tendo prioritariamente um caráter de autorregulação, os resultados são partilhados e analisados em reunião interna (reunião de pais, conselho de direção, conselho de gestão, dimensão, núcleo e equipa) nas sínteses no final de cada período das dimensões e nos trabalhos realizados nas diferentes dimensões e núcleo. No final de cada ano letivo o conselho de gestão, o conselho de projeto, os núcleos e dimensões analisam os resultados e refletem sobre o nível de progresso dos alunos nas diferentes áreas curriculares e nas atitudes e comportamentos, reformulando estratégias. (Escola da ponte, contrato de autonomia, 2013, p.4) (Escola da Ponte e o Ministério de Educação e Ciência de Pontual)

O contrato de autonomia é um documento assinado pelo Ministério da Educação de Portugal, conferindo-lhe poder para afastar-se do modelo de organização colocado em prática nas escolas públicas de Portugal. Este, por sua vez, vem dar total liberdade na escolha dos professores.

A Escola da Ponte é a única escola pública no mundo que pode desligar um professor, caso ele não se encaixe no perfil da escola. Flexibilizar o tipo de metodologia usada por cada professor para ministrar as aulas, bem como liberdade na reestruturação de como seria as divisões de segmento e turmas, pois no lugar de salas há salões, no lugar de segmento há núcleo (ciclos). Ao invés de cada aluno ficar em sua carteira, durante a aula a interação se dá através de um círculo de estudo, dando a oportunidade de ajuda mútua, oferecendo a todos os alunos elaborarem seu próprio roteiro de aula e condições ao corpo docente fazer parte do conselho de direção, interferindo de forma direta na formação pedagógica, pois o objetivo da escola é valorizar de uma forma instigante a liberdade, responsabilidade e solidariedade dentro e fora da escola, dando autonomia na formação de verdadeiros cidadãos.

O corpo docente tem conhecimento de que todos os funcionários atuantes na escola, independente do trabalho desenvolvido, figuram como orientadores educacionais, pois todos objetivam a promoção, uma evolução satisfatória na carreira estudantil. Esses profissionais atuam em diversas áreas como Administração, Gestão e Licenciatura.

Podemos ver que a Escola da Ponte dá oportunidades aos profissionais, valoriza a especialidade de cada um, para que juntos exerçam um trabalho que ofereça um ensino de qualidade, atendendo às exigências da Instituição.

Ainda sobre o contrato de autonomia, temos a descrição abaixo:

Ao longo de mais de trinta anos, a Escola da Ponte tem desenvolvido através do seu projeto educativo uma experiência pedagógica ímpar e tem vindo a transformar-se num local de visita e de formação, não só por profissionais da educação, mas também pela comunicação social e público em geral. (Escola da Ponte, contrato de autonomia 2013, p.3)(Escola da Ponte e o Ministério de Educação e Ciência de Pontual)

Por destacar-se como um modelo de ensino diferenciado, a Escola da Ponte tornou-se alvo de pesquisa nos mais diversos segmentos, tendo em vista a eficácia do seu projeto e o sucesso dos seus alunos.

Quando o Ministério da Educação e o governo de Portugal assinaram o contrato de autonomia, a comunidade escolar preocupou-se em estabelecer algumas questões a nível de organização. Por conta disso, foi criado o Regulamento

interno, que é inspirado no Projeto Fazer a Ponte. No caso do Brasil, o Projeto Político Pedagógico (PPP) tem o objetivo de esclarecer a metodologia do projeto, para que seja vivenciado e seguido de forma mais eficaz possível, na medida em que estabelece um equilíbrio entre as partes envolvidas. Nele contém todos os direitos e deveres que devem ser aplicados na comunidade escolar, visando ao crescimento e aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem.

O regulamento é composto por 5 capítulos e 45 artigos, dissertando e reforçando a importância do projeto educativo da escola. No parágrafo abaixo seguem os tópicos do regulamento:

No capítulo I são abordados os seguintes tópicos: Disposições gerais, âmbito de aplicação e objetivos.

Já o capítulo II trata sobre as questões pedagógicas, estruturas educativas, organização pedagógica, núcleo de projeto, articulação curricular, coordenadores de dimensão, designação dos coordenadores de dimensão, competências do coordenador de dimensão, equipe de núcleo, integração e transição entre núcleos, tutoria, assembleia de escola e responsabilidades.

No capítulo III é destacada a questão burocrática: Regulamento sobre os órgãos da escola, conselho de pais/encarregados de educação, composição e funcionamento, quórum, conselho de direção, composição (Conselho de direção), designação dos representantes, eleição do presidente, duração dos mandatos, competências, funcionamento (Conselho de direção), conselho de gestão, composição (Conselho de gestão), designação e recrutamento do gestor, coordenador geral do projeto, designação e recrutamento dos coordenadores de núcleos de projetos, mandato, funcionamento (Conselho de gestão), conselho de projeto, composição, presidência, competência (Conselho de projeto), funcionamento (conselho de projeto), conselho administrativo, composição (Conselho de administração), competências e funcionamento.

No capítulo IV fala sobre a coerência, direitos e deveres dos pais/encarregados de educação e dos orientadores educativos.

No capítulo V está destacado o período em que o deferido regulamento estará valendo, disposições transitórias, a entrada em vigor e aplicação do regulamento interno.

O projeto *Fazendo a Ponte*, também conhecido como projeto educativo, foi elaborado mediante os desejos dos seus idealizadores, no intuito de realizar um modelo de educação acessível a todos e específico para cada aluno, pois toda criança é única com o seu ritmo e adiantamento próprio. Um projeto que ultrapassa a fronteira do conhecimento.

O projeto é composto por 5 princípios fundadores e 40 tópicos que especificam o seu objetivo. Para melhor compreensão relatamos alguns destes princípios:

Sobre os valores matriciais do projeto, vem falar sobre a formação e construção como pessoa, como cidadão, a importância dos pais em abraçar o projeto, reconhecendo que é a melhor proposta educativa para seus filhos.

I- Sobre alunos e currículos: esclarece que como cada ser humano é único, assim também é trajeto de cada um com suas experiências e desenvolvimento, há duas formas de currículo: O objetivo, que mostra o caminho a ser estudado e o subjetivo que é uma via evolutiva como ser humano de caráter pessoal.

II- Sobre a relevância do conhecimento e das aprendizagens: é de suma importância que o currículo de ensino seja o mesmo para todos, mas o seu desenvolvimento seja diferenciado para cada um, e acompanhar de uma forma estreita a evolução do seu projeto de vida dentro das áreas de leitura, problemas matemáticos, interpretação, expressão e comunicação.

III- Sobre os orientadores educativos: para que o projeto tenha um bom resultado é necessário que todos os orientadores tenham o conhecimento das dificuldades de cada aluno na área de ensino; na Ponte o professor deixa de ser o facilitador e passa a ser o orientador, ou seja, os alunos pesquisam, estudam e ele só vai mostrando que caminho seguir.

IV- Sobre organização do trabalho: em todos os trabalhos da escola o aluno é o centro de tudo, já que ele está presente em todas as atividades, pois os trabalhos têm a finalidade de ajudá-los a trilhar o seu projeto de vida na ação de estar, ser,

conhecer e agir, o trabalho do aluno é supervisionado constantemente por seu educador.

V- Sobre a organização da escola: a escola é organizada sob a luz do regulamento interno, no momento em que os pais concordam com projeto de ensino, eles também assumem o compromisso de defender em toda instância a proposta educativa da Ponte.

1.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA ESCOLA DA PONTE

A presente pesquisa é de caráter analítico, construídos através de informações adquiridas em vídeos do idealizador do projeto, de estudos com textos, artigos e livros, norteando-se principalmente em documentos da escola, tais como o regulamento interno, o contrato de autonomia assinando entre a escola e o Ministério da Educação e Ciência, o projeto educativo e pesquisas subsidiadas por sites específicos sobre o assunto.

Os objetivos dos estudos desse projeto se farão mais claros ao término do trabalho. Tendo em vista que tudo na escola é de via metodológica, é importante salientar que, para obter informações mais precisas, seria necessário um contato interpessoal com a escola em questão. Por outro lado, o trabalho de pesquisa acerca da análise é tão importante quanto o exame em campo.

Para que o método escolhido pela escola tenha um bom acompanhamento, foi instituído um coordenador geral, com aspecto de diretor pedagógico. Em todos os núcleos, há um coordenador disponível para dar assistência aos alunos e professores, tendo em vista que tais profissionais antes de assumirem um cargo de gestão são educadores, até por que a Escola da Ponte não prioriza a burocratização, minimizando todas essas questões para dar ênfase e estreitar os processos de ensinar e aprender, priorizando sempre crianças e adolescentes.

Os orientadores educacionais, como de praxe em todas as escolas, têm graduação de nível superior, já para os demais profissionais não é exigido um padrão de escolaridade até o ano letivo de 2004/2005. Como por exemplo, as auxiliares educacionais (pessoas que trabalham na limpeza), essas pessoas também acompanham os alunos nas horas livres, bem como nos intervalos, diferente das outras escolas de Portugal, pois os professores na Ponte destinam 35

horas regulares, já nas outras escolas lecionam apenas 25 horas semanas, ambos têm a mesma remuneração.

O sucesso que a Escola da Ponte alcançou hoje se deve ao cumprimento fidelíssimo ao seu projeto educativo e à ousadia de rejeitar a proposta estabelecida pelo Ministério da Educação e Ciência de Portugal, os resultados obtidos e a preocupação em formar cidadãos de uma forma inovadora alavancaram a escola.

Desde 03 de fevereiro de 2004, a Escola da Ponte passou a ser protegida pelo decreto-lei de nº 43/89, tornando-se a única escola de Portugal pertencente à rede pública de ensino a assinar um contrato de autonomia com o estado, oficializando e reconhecendo as práticas pedagógicas que já eram executadas há quase trinta anos pela instituição de ensino.

É importante salientar que pelo decreto-lei qualquer escola portuguesa pode abraçar o projeto em questão, desde que atenda a todas as regras, normas e exigências propostas pela referida lei, ou seja, a metodologia de ensino não é exclusiva da Escola Básica da Ponte, e, sim, de acesso a todas as instituições de ensino.

Por conta do contrato de autonomia, a escola ganhou mais espaço e força. Uma prova disso foi que a Ponte passou a selecionar os seus profissionais de educação segundo os seus próprios critérios avaliativos e também adquiriu total liberdade para desligar o profissional que tenha postura contrária aos valores do projeto, pois no final de cada ano letivo é feita uma avaliação com os educadores, a fim de obter um diagnóstico preciso de cada colaborador.

Em Portugal a formação é distribuída em três ciclos (os ciclos no Brasil é equivalente ao ensino fundamental), o primeiro ciclo é composto por alunos de 7 a 9 anos, no segundo ciclo os alunos têm 10 e 11 anos e o terceiro ciclo alunos com a faixa etária de 12 a 14 anos.

A Escola da Ponte é famosa por suas peculiaridades de organização e divisão. Construída em três núcleos: Núcleo de iniciação, núcleo de consolidação e o núcleo de aprofundamento. Na iniciação, são esclarecidos aos alunos os diferentes dispositivos que existem na escola. Os mesmos começam a utilizá-los com o apoio dos professores. Com o tempo não se faz necessário explicar os mecanismos, tendo

em vista que já é do conhecimento de todos. Na consolidação são disponibilizados alguns mecanismos de ajuda.

No aprofundamento já não se faz mais tão natural esse apoio, com exceção dos alunos que são transferidos ou pessoas com deficiência. Um aluno só passará para outro núcleo quando obtiver um nível de aprendizagem satisfatório.

O núcleo de projeto se deu por conta da expansão da escola, já que nos primeiros vinte e cinco anos só havia o primeiro ciclo, ou seja, até o 4º ano, o núcleo de iniciação é composto por crianças de 6 e 7 anos, em alguns casos um pouco menos, são aproximadamente 25 crianças do 1º ano sendo acompanhadas constantemente por dois professores semelhantes aos de uma turma convencional em um espaço físico. A partir daí vêm sendo trabalhados os aspectos na formação da autonomia ligados com a proposta pedagógica da escola, na construção das práticas de cidadania, traçando um paralelo entre as práticas de ensino como leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático.

Para o primeiro núcleo de iniciantes, o programa é bem mais simples. As crianças vão sendo estimuladas a relatar acontecimentos relativos ao processo de aprendizagem no final de semana, mostrando através de desenhos os fatos mais relevantes e escrevem o que cada figura representa. Em seguida, fazem a leitura de forma individual e depois com os professores, escrevem frases com as palavras inserindo outras novas.

Durante a aula, vão fazendo outras atividades utilizando as mesmas palavras e trabalham com textos em grupos para trabalhar habilidades de leitura, escrita e oralidade. Para o estudo de matemática são utilizados jogos que facilitem a exploração na unidade, dezenas e centenas. Também há um espaço reservado para construção e conscientização das regras de convivência, com foco nos hábitos e atitudes.

Quando a criança chega ao 2º ano, já tem autonomia para elaborar os seus planos diário e quinzenal que são compostos por objetivos a serem trabalhados no decorrer da quinzena e o diário no decorrer do dia.

Uma parte do plano diário é em comum para todos, já a outra é individual, são planejadas coisas bem simples no aspecto disciplinar (não arrastar a cadeira, falar

baixo, saber pedir a palavra e ajudar o grupo). Esses objetivos são traçados tanto nas atitudes e comportamentos, quanto no que se pede no currículo proposto pela escola, mas o que ocupa um maior espaço na iniciação sem sombra de dúvidas são os objetivos de Língua Portuguesa e Matemática.

Pelo o que já foi analisado do projeto da escola, é possível constatar que os alunos estejam em plena atividade, respeitando sempre os seus limites e objetivos específicos de cada planejamento.

Para ter um bom desempenho, os alunos estão sempre trabalhando em grupo de quatro ou cinco pessoas, facilitando os mecanismos de ajuda mútua. Também há um horário na semana dedicado à Educação Física e expressão artística, atividades essas realizadas nos três núcleos.

Com a exceção das psicólogas e coordenadores, todos os facilitadores educacionais são tutores (Uma espécie de acompanhador educacional) de cada aluno. É o tutor quem estabelece o vínculo entre escola e família. Sempre que o responsável quiser obter informações da vida escolar de um determinado aluno, é possível que o mesmo entre em contato com o tutor escolar.

Cada professor tem em média de seis a sete tutorados e uma vez por semana se reúnem para avaliar o desempenho escolar de cada um e, principalmente, sobre o cumprimento de seus projetos e o desenvolvimento nos seus objetivos.

Há três espécies de reuniões na Escola da Ponte. Em uma semana, no período da tarde, a reunião é toda dedicada aos componentes da equipe. Na semana seguinte, há a reunião de dimensão e de núcleo. Nesse caso, o tempo é priorizado para tratar de assuntos referentes às dimensões. Quando há reuniões, os alunos permanecem na escola até meio dia, tendo em vista que os educadores estarão em dedicação no ato em questão. Esses encontros têm como objetivo fortalecer o cumprimento e implantação do projeto por uma ótica coletiva.

No núcleo de consolidação, dependendo da época do ano, podemos encontrar alunos do 3º a 9º ano. Pois, em período de pesquisa os alunos têm autonomia de transitar entre um núcleo e outro. A forma de se trabalhar no núcleo de consolidação é muito semelhante a do núcleo que antecede este, com uma grande diferença: É notória a estabilidade dos objetivos das áreas de conhecimento, pois isso não

acontece com os iniciantes, também é perceptível que todas as atividades aproximam-se da proposta do projeto escolar.

O projeto do currículo oficial tem um avanço bem mais satisfatório com a consolidação. O núcleo de aprofundamento tem características semelhantes ao de consolidação, por isso é cada vez menor a quantidade de alunos, pois para alguns, os dispositivos da Ponte superaram-se o suficiente. Por outro lado, é notável o empenho dos profissionais para inovar o núcleo.

Outro fato bastante significativo é o engajamento dos estudantes na realização do projeto. Nas datas festivas a escola como um todo se mobiliza na realização do evento. As crianças participam independente da idade fazendo inscrições na modalidade de sua escolha: Música, dança, cenário, figurino, decoração da escola e outros.

Algo bem original e inusitado são crianças de 6 anos interagindo positivamente com outras de 11, 12 anos e de uma forma simultânea em todos os níveis. Da mesma forma acontece com os professores, que ficam na modalidade de sua escolha de acordo com suas especialidades. Ou seja, em muitos casos o professor fica com um grupo de alunos que normalmente não é de sua custódia. Para cada modalidade, são três a seis professores responsáveis.

A escola da Ponte tem uma cultura organizacional que serve de modelo para outras escolas, como podemos identificar no relato abaixo:

De fato a cultura organizacional da Escola da Ponte abriga especificidades que revelam a necessidade de dezenas de suportes que possibilitem a autonomia, a responsabilidade, a democraticidade e a solidariedade preconizadas no projeto educativo. A superação dos modelos hegemônicos de organização da escola e dos processos de ensino e aprendizagem, tais como: turma, série, ano, ciclo, aula direta ou expositiva, salas isoladas, monodocência, sinalizam que estamos a estudar uma escola que, embora tenha problemas, ousa ser diferente e desenhar o seu próprio percurso. (SANTA ROSA 2008, p. 56)

A forma, que é estabelecida a organização na escola, requer um suporte que não encontramos em uma escola convencional, pois esta tem como objetivo métodos que levem à autonomia e responsabilidade, já que as vias de ensino se afastam do modelo estabelecido em outras escolas.

O francês Célestin Freinet(1924) criou uma via de ensino através do projeto *Escola do Povo* nas primeiras décadas do século XX, semelhante ao projeto Fazer a Ponte. A principal intenção de Freinet ao ter criado o projeto foi de libertar aqueles que se sentiam oprimidos e possibilitar um ensino de qualidade para o povo. Por outro lado, havia a camada opressora (burguesia) que não tinha interesse algum em possibilitar melhorias na educação.

As possibilidades de via de ensino eram regradas sob o cabresto da burguesia. Erguer uma metodologia de ensino e aprendizagem da escola do povo significava, naquela época, ficar contra toda a sociedade burguesa. Freinet (1924) argumentava que se os ricos e o clero poderiam ter sua escola, a maioria da população também tinha o seu direito de ter a mesma oportunidade com seus interesses e projetos próprios sem ligação e interferência da elite local. Freinet cria uma metodologia de educação baseando-se em uma proposta pedagógica humanitária e cidadã. Essa proposta vem nos dar uma clareza que o projeto Fazer a Ponte ultrapassa as expectativas do francês.

Freinet (1924) pensava em construir a escola de todos, acabando com a segregação de classes sociais, onde todos desfrutassem do mesmo ensino. Não era a escola do povo, nem dos ricos, nem do clero. Seu propósito era construir uma escola para todos com qualidade e democracia.

Montessori (1907) criou uma metodologia de ensino paralela à ministrada na Escola da Ponte, defendendo a questão do aprendizado, respeitando os limites de cada um e a liberdade de escolher os métodos de aprendizagem, fazendo com que cada aluno tivesse autonomia estudantil e pessoal.

O professor é posto em uma postura de observador, dando sua contribuição nas atividades apenas quando solicitado ou diagnosticando alguma dificuldade de aprendizagem.

Outro diferencial na metodologia Montessoriana é instigar o aprendizado na prática com material desenvolvido pela própria via de ensino. No Brasil, a Instituição de Ensino que adotou essa metodologia é a Escola Maria Montessori no Distrito Federal, que abrange desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental I.

Há cerca de quatro décadas vem desenvolvendo um trabalho de excelência, destacando-se em meio a tantas na região. Temos a confirmação, vejamos:

Não é a de quatro paredes. Entre as quais as crianças são confinadas, mas a de uma casa onde possam viver em liberdade para aprender a crescer. Essa ideia implica a necessidade de preparar para as crianças um mundo seu, particular, onde elas possam encontrar atividades condizentes com seu desenvolvimento físico e mental. Numa escola Montessoriana. O professor é .um convidado ou alguém que tenha em mente estar a serviço de seus alunos. (Pedagogia Científica), (MONTESSORI 1961, p.17)

A escola Montessoriana assemelha-se de forma significativa com a Escola da Ponte, pois ambas têm um caráter autônomo ao deixarem as crianças livres, respeitando o tempo e a maneira de aprendizagem, enxergando o professor como um facilitador do ensino e não como “único” meio do saber, um profissional que está sempre à disposição dos alunos.

Os educadores de todos os níveis se deparam com dificuldades corriqueiras e na maioria das vezes parecem engessados pelo sistema. São jovens na idade, mas velhos na didática de ensino fragmentada e corrompida. Para a eficácia do ensino ministrado na contemporaneidade, o desafio é ainda maior, pois o professor está disputando atenção com as novas mídias. Ou seja, a aula e o ensino têm que ser mais atrativos do que a tecnologia disponibilizada aos alunos, acreditando em outras vias, em novas metodologias e em grandes resultados. A Escola Básica da Ponte é o maior exemplo de educação inovadora que só cresce com seus próprios resultados.

1.3 AS COLUNAS DA PONTE

Para construirmos uma Ponte devemos seguir parâmetros simples da engenharia que garantam sua sustentação. Identificar o local, se passarão ou não embarcações por baixo, a fim de que a altura seja suficiente para o tráfego marítimo, fazer uma boa fundação para o alicerce e base, a escolha adequada de materiais utilizados nesse processo, tais como ferro, brita e outros; proporção do peso que a ponte será capaz de suportar, assim como cálculos estruturais que precisam o nível estrutural.

Vale ressaltar a importância das condições ambientais, haja vista que podem interferir na construção. Todos esses detalhes foram meticulosamente planejados para garantir que todas as colunas e a laje da ponte sejam seguras e estejam em

boas condições para executar suas funções principais: Fazer a Ponte, superar obstáculos, aproximar e transladar pessoas.

A Escola da Ponte é uma metáfora autoexplicativa, assim como a Ponte citada acima, é necessário que a escola em questão tenha suas colunas muito bem estruturadas para que possa fluir o trânsito em ambos os lados. Colunas essas que foram erguidas com a ruptura do tradicionalismo. Tendo como principais o Projeto fazer a Ponte, liderança, trabalho em equipe e a comunicação com as famílias.

Inegavelmente é constante ouvir falar sempre positivamente sobre a Escola da Ponte, mérito esse que se deve dar ao seu próprio Projeto tão bem planejado e sempre em evolução, pois o Fazer a Ponte está sempre se adaptando às situações. Uma característica que define a qualificação da Ponte é a diferenciação da sua metodologia em relação a outras escolas. Para que tenhamos uma educação qualitativa e não quantitativa, é preciso que cada instituição tenha identidade própria e autonomia nos seus próprios Projetos, respeitando assim o tempo de todos. Para o ensino ser democrático, as Instituições não podem se igualar a todas, assim fez com a Ponte o seu Projeto de ensino.

O projeto que caracteriza a Escola da Ponte é instrumento de disposição para quem quer fazer, construir e não para ser levado por modelos prontos de reprodução. O mesmo é uma resposta pela busca incansável pela autonomia que não foi cedida, mas, sim, gerada no seio da educação pontista.

É comum encontrar profissionais da educação, nos mais diversos países, apaixonados pela Ponte a partir do seu primeiro contato, paixão essa que se dá não pela Instituição em si, mas por tudo que acontece nela. Dessa forma, podemos visualizar a ruptura de padrões pré-estabelecidos, desligando-se da burocratização do Estado e dando espaço para a relação aluno-professor, iniciando, assim, uma nova cultura educacional. Como é dito por muitos professores pontistas, o Fazer a ponte vai além de um projeto político pedagógico, é uma herança cultural e social.

Podemos constatar a fala acima tendo como base a citação abaixo:

A ruptura com a cultura escolar que alimentava a individualidade entre os educadores e a submissão das crianças frente aos adultos, mostra-se substancialmente necessária, quando se trata de um projeto que tem por finalidade fazer a ponte para a escola de todos (as). Na escola estudada houve a quebra com a monodocência, para que os (as) educadores (as)

pudessem interagir e se co-responsabilizarem pelo êxito do projeto coletivo e à aprendizagem das crianças. (SANTA ROSA 2008, p. 143)

A principal diferença em sala de aula na escola supracitada é o fato de os educadores não estabelecerem uma relação subordinada com os alunos. Ao darem espaço e liberdade no ensino e aprendizagem, interagem de forma direta na autonomia da comunidade escolar.

Um dos principais desafios foi a expansão do projeto. Por mais de 20 anos a escola não precisou estruturá-lo, tendo em vista que nela só havia o primeiro Ciclo com os números de alunos e professores bem resumidos. Com a introdução dos outros Ciclos, veio o desafio de formatar a proposta da escola com o intuito de não refazer e, sim, ampliá-la, sempre ancorados nos seus princípios basilares. Para permanecer fiel à proposta da escola, foi preciso respeitar as diferentes etapas dos Ciclos, bem como a individualidade dos desafios, tempo e espaço próprios à luz do projeto em si.

Durante o processo de transição, houve muitas opiniões contrárias: Por um lado, a satisfação em oportunizar um efeito contínuo de formação em todos os ciclos, podendo assim acompanhar as crianças desde os 6 aos 14 anos. Ao final dos nove anos de educação pontista poderiam ver os resultados obtidos.

Por outro lado, havia a preocupação no ingresso de alunos a partir do 2º ciclo que já estavam acostumados com o ensino regular. Por conta disso, na Ponte houve uma abertura em massa para a inclusão, algo previsível. Outro desafio foi a introdução de novos professores para suprir a necessidade do novo quadro de alunos.

Essas pessoas quando chegam em massa, tendem a causar um certo desconforto na equipe devido a mudanças profissionais e pessoais, mudanças essas que foram superadas com a idealização do Fazer a Ponte em todos os aspectos.

Com a chegada dos iniciantes em toda a escola, houve um declínio no cumprimento do Projeto, algo normal se considerado o tempo para a inserção de todos. Mesmo com essa dificuldade e processos de transformação os professores e pais de alunos defendiam o Projeto por acreditar na Escola, no Projeto e na pedagogia de ensino.

Com as dificuldades solidificadas na maturidade e evolução, a crise da Ponte foi vivenciada com muitos questionamentos sobre realidade do ser em si, pois é preciso que um Projeto dessa magnitude não se acomode diante do bom funcionamento, esteja sempre em transformação.

Confirmando o relato, temos:

Contudo, a crise é o projeto pulsando, portanto, obra de quem age. Só se produz crise em meio à ação. Já a passividade nunca será positiva, porque é estéril, até mesmo da possibilidade de se cometer erros. É paralisante. Na crise, a passividade é destruidora, pela sua languidez e poder de aniquilamento. A de sempre valer mais a crise do que a passividade e os projetos agradecem.(SANTA ROSA 2008, p. 153)

Os que vivenciavam a crise tinham a impressão de que a escola precisava estar em constante declínio para as mudanças ocorrerem de forma devida, pois no dia em que o projeto Fazer a Ponte não passar por dificuldades, ele estaria extinto. As mudanças ocorridas durante o projeto são a garantia de que ele está em pleno funcionamento. Até porque se trata de um plano onde o espaço para perguntas e a busca por soluções estão sempre abertos.

Durante toda a pesquisa realizada, a presença da liderança do idealizador é tão forte quanto à essência do próprio projeto, o que faz dele uma das colunas fundamentais para pontuá-lo no estudo em questão.

Em todas as situações em que vivemos e sobrevivemos somos instruídos, sejam nos mais diferentes setores: Na religião e trabalho, por exemplo, com a Ponte não seria diferente: Todas as pesquisas eram lideradas pelo professor José Pacheco.

A comunidade escolar é erguida através da dedicação constante dos indivíduos que acreditam na sua via de ensino pontista. Por mais de 20 anos, Pacheco liderou o Fazer a Ponte, bem como a identificação de benefícios e malefícios que foram acarretados por tanto tempo à frente do Projeto.

De antemão, podemos afirmar que durante todo o estudo feito sobre a escola, não houve professor tão bem recomendado quanto Pacheco, onde muitas vezes nos deparamos com textos falando sobre o Projeto e o professor e ficamos sem saber ao certo a quem esses textos se referiam, pois davam a impressão de não serem complementares. Mesmo com o afastamento do professor por conta da sua

aposentadoria, é perceptível a sua presença ao se deparar o com um texto sobre o assunto.

A grande preocupação da comunidade escolar era na distinção entre quem era o professor José Pacheco e o que era o Projeto Fazer a Ponte, pois, por muito tempo, o Projeto foi totalmente dependente dele e isso acarretava confiança em uma só pessoa. Pacheco era ciente de todos os fatos. O comprometimento com sua obra eram levados tão a sério que semanalmente eram feitas visitas, onde ele dava suas contribuições na organização e todos seguiam suas orientações, inclusive a coordenadora atual (diretora pedagógica).

Como em toda Instituição de ensino, a equipe de educadores que rege a Escola é uma coluna, e, principalmente, com a Escola da Ponte não seria diferente, pois é essa equipe que faz acontecer o Projeto inovador construído na escola. Por se tratar de um Projeto que está sempre em processo de evolução, os professores têm um espírito inquieto, na busca de reagir de modo positivo contra as dificuldades e desafios encontrados numa prática pedagógica que não tem um modelo a seguir.

Dentro da proposta diferenciada da escola, os professores não retêm suas dificuldades e sucessos, tudo é partilhado, visando o desejo de encontrar respostas para os problemas de todos. O educador pontista leciona, trabalha para o crescimento e evolução de cada aluno. Essa postura é rara de encontrar nos educadores brasileiros. Muitos trabalham por status, visando promoção ou outros benefícios, como bonificações oferecidas pelo governo.

Referência do Honra Educativo:

De início o profissional declara disponibilidade e na sequência se compromete a colocar o projeto educativo e o regimento da escola à frente de todo e qualquer dispositivo legal, revelando disposição de defender o projeto. (SANTA ROSA 2008, p. 177)

Todos os professores ao entrarem na Ponte abraçam de forma particular o projeto que rege a didática de ensino, também é assinado com os profissionais um documento para firmar esse compromisso que é o *Honra Educativo*. No contexto do documento, é verbalizado o perfil do educador pontista.

Por outro lado, nem todos se identificam em relação ao Projeto como um todo. Eis o principal motivo pelo qual os problemas surgem na equipe. Rosa esclarece em

sua tese de doutorado que “Tais problemas só deixarão de existir quando todos os docentes reconhecerem a necessidade da identificação do projeto”.

Um dos pontos positivos na adaptação do profissional na escola é poder contar com os outros colegas na sala de aula, pois um educador nunca fica em sala sozinho, podendo, assim, tirar dúvidas e ser orientado de maneira devida com os educadores, tendo em vista que a experiência profissional de quem chega é totalmente diferente das outras escolas em que eles trabalharam anteriormente.

O cumprimento do exercício bem como as atividades da equipe na Escola da Ponte são muito mais exigentes do que uma escola convencional. Partindo do princípio de que para sermos felizes trabalhando na educação temos que ser vocacionados, na Escola da Ponte isso não é o suficiente.

A essa vocação, somam-se o amor pela profissão, a dedicação de forma integral e disponibilidade para trabalhar em uma carga horária que só é exigida na Ponte. A partir dessas premissas, é que se define o desempenho do trabalho, são criados mecanismos para que todos se sintam confortáveis, para que esses profissionais façam um trabalho de excelência, pois na Ponte não há meio termo. Há um espaço dedicado para os educadores expressarem suas opiniões, ideias e dificuldades nas três reuniões; de núcleo, de dimensão e equipe.

A Escola da Ponte é a única no mundo que tem a intervenção direta das famílias na construção da educação nos aspectos abstratos e concretos, sendo assim a única Escola em que a família atua como sustentáculo da coluna. O professor José Pacheco deixou bem claro essa relação aberta entre a escola e pais. É fundamental firmar uma parceria visando ao bem dos estudantes, por muitas vezes Pacheco expressou-se para eles, afirmando que a escola só perdurou por conta da relação estreita oferecida por ambas as vias.

Com a pesquisa de caráter analítico realizado, podemos observar que as famílias escolhem a Ponte para seus filhos estudarem não somente por ser próxima de suas residências, tendo em vista que a maioria dos alunos é de localidades distantes e, sim, por seu Projeto educativo.

No ato da matrícula os pais ou responsáveis comprometem-se com o *Código de Conduta Educativa*, os seis itens do Código são bem simples: Enfatizam a

participação das famílias na rotina da escola ao serem coniventes com o Fazer a Ponte e participarem de forma mútua das atividades da escola, o documento tem o único propósito de demonstrar para os envolvidos no processo de educação o valor da escola e a participação ativa da família, também vêm mostrar os seus direitos e deveres para com a escola ideal para educar seus alunos.

O principal diferencial na participação dos pais é que a Ponte recebe muito mais visitas do que qualquer outra Instituição de ensino, tendo em vista que nas outras escolas os pais só são chamados no final de cada bimestre para receber o boletim, sem muito diálogo ou quando o aluno é advertido. A principal ideia que a Ponte tem em relação à interferência dos pais é a autonomia que lhes é dada para escolherem o melhor para seus filhos.

A escola deu um grande espaço para que os pais dessem contribuições não só na formação, mas também na escolha das vias utilizadas, dando assim à Ponte outro título: “A única escola pública que tem os pais como parceiros da instituição.” Assim, a escola criou espaços formais para as famílias se reunirem com a equipe pedagógica, educadores e tutores e criou a Associação de pais e encarregados de educação. A ausência de vínculo com o governo português atribui importância das famílias na Escola da Ponte, já os professores não poderiam ter essa liberdade, porque têm direitos e deveres a cumprir com o Estado.

A importância da intervenção das famílias foi extraordinária para o projeto e para a escola em si, que só houve a expansão do projeto por que os pais fizeram um abaixo assinado ao Ministério de Educação solicitando a implantação do 6º ano na escola. Quando a solicitação foi respondida, o Ministério informou que a escola seria ampliada para os outros ciclos.

No decorrer dos anos, a Associação de pais e encarregados de Educação se destacou de tal forma que se tornou um mecanismo de defesa diante do poder público, sem falar no apoio e organização de eventos culturais sendo visível o quanto é importante a participação dos pais na sustentação e defesa do Projeto. As famílias têm o poder de interferir na parte pedagógica, bem como na coordenação do projeto para verbalizar suas preocupações e anseios e opinar para a melhoria do andamento do Projeto, visando a uma aprendizagem satisfatória para ambas as partes.

1.4 A ESCOLA DO SONHO DE RUBEM ALVES

1.4.1 Dados biográficos de Rubem Alves

Rubem Azevedo Alves nasceu em Boa Esperança em 15 de Setembro de 1933 e faleceu em Campinas em 19 de Julho de 2014. Foi um psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro. É autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis. É considerado um dos maiores pedagogos brasileiro de todos os tempos, um dos fundadores da teologia da libertação e intelectual polivalente nos debates sociais no Brasil. Foi professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

No ano de 1973, começou a lecionar Filosofia na Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, no decorrer dos anos assumiu alguns cargos de gestão na Instituição. Nos anos 80, adquiriu o título de psicanalista pela Sociedade Paulista de Psicanálise. Escreveu vários livros e crônicas de grandes sucessos. Como consequência, o autor tornou-se membro da Academia Campinense de Letras, professor-emérito da Unicamp e cidadão-honorário de Campinas, onde recebeu a medalha Carlos Gomes de contribuição à cultura.

Todo intelectual nasce da curiosidade do aprender. Assim se define Rubem Alves, que inúmeras vezes deu asas a sua imaginação quando criança para descobrir um mundo que ainda não estava ao seu alcance. Ou seja, cada momento por ele vivido era fruto da sua curiosidade e inteligência. Baseado em vivências cotidianas ou imaginativas (basta citar o fato inusitado de quebrar o único relógio de pulso de sua mãe para descobrir e entender como ele funcionava) Rubem deparava-se com o problema de não saber consertá-lo, mas ao longo do tempo foi descobrindo que o aprender tornava-se mais fascinante com coisas cotidianas e utilitárias. *“A curiosidade não segue os caminhos determinados pela burocracia”*.

Estudar conteúdos previamente programados não ajudaria em nenhum momento a motivação e curiosidade de aprender, todas essas imposições só proporcionavam aos discentes uma aversão ao saber, transformando algo que deveria ser prazeroso em um fardo pesado, ressalta-se a pressão para obter resultados satisfatórios, bem como despertar nos discentes interesses através de sutis ameaças, principalmente no que diz respeito a vestibulares.

“Escola com que sempre sonhou sem imaginar que pudesse existir”. Era assim que Rubem Alves definia a Escola da Ponte. Em 2000 teve seu primeiro contato com a escola. Chegando à Ponte foi conduzido por uma aluna de 10 anos, pois já é de praxe que a escola seja apresentada aos visitantes por alunos. Ao acompanhá-lo, a anfitriã deixa claro que a partir daquele momento Rubem deveria romper com todos os modelos de aprendizagem de escolas anteriores.

Ao abrir a porta da sala e entrar, Rubem ficou estupefato com o que viu: Um salão com várias mesinhas, com grupo de 6 a 7 alunos, cada aluno fazendo suas atividades segundo sua própria autonomia, alguns interagem na sala sem causar tumulto, todas essas inovações acompanhadas por música clássica como fundo musical. Em situações como essas, é comum falar em voz alta. Então, logo percebeu que existiam crianças com síndromes interagindo com as demais crianças. Os professores não explicavam os conteúdos de maneira tradicional (Modelo autônomo da didática Pontista), bem como não alteravam o tom de voz e não pediam a atenção dos discentes. Esses estavam disponíveis para esclarecimentos, se necessário.

Do lado de fora da porta havia várias frases e a menina explicou: *“Aprendemos a ler lendo frases inteiras”*. Tais frases falavam sobre assuntos cotidianos, desse modo os alunos aprendiam a ler baseados nas suas vivências. No mesmo instante, Alves traçou um paralelo entre aprender e falar: Alves entendia que *“As crianças aprendem palavras inteiras, pois somente palavras inteiras fazem sentido”*. Em outra situação, o professor ficou surpreso com o compromisso de outra aluna ao elaborar um texto de ajuda. Rubem Alves defende isso muito bem quando fala, *“mais que saberes, as crianças estão aprendendo valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicação, as relações naquela sala imensa”*. (Alves, 2004, p. 30) Uma espécie de resumo havia num rodapé no final da folha, explicando as palavras que as crianças desconheciam. Embora soubessem ler, não sabiam consultar o dicionário. Desta forma, os que compreendiam o conteúdo ajudavam àqueles que estavam com dificuldade, e o que se tornou mais interessante para Rubem Alves nesse momento, foi o entendimento do vínculo de solidariedade estabelecido entre os alunos.

Assistindo a uma assembleia, o guia apresentou um garoto como presidente da reunião. O professor pôs-se a observar e surpreendeu-se com o que via: Todos

falavam de forma organizada a fim de não atrapalhar a fala do outro. Funciona como uma espécie de lei não atrapalhar a fala do colega. Lei esta que foi instituída pelas próprias crianças. Quem desejasse falar, ficava com o braço estendido aguardando o momento oportuno para falar e no final aguardava-se o pronunciamento do presidente. Rubem Alves ficou admirado com o dialeto usado pelas crianças, como cada uma mencionava de forma precisa suas indagações e o português muito bem colocado. Nessa instância, ele percebeu que na Escola da Ponte o ensino se dava de modo dinâmico, eficaz e inovador e o rendimento escolar era sempre satisfatório.

Alves usa um poema de Fernando Pessoa como expressão pela Ponte: *“Quando te vi, amei-te já muito antes...”* Rubem Alves defendia uma escola sem programas. Nas instituições que ele conhecia predominava a imposição por resultados sem se preocupar com a identidade que cada criança trazia.

Alves expressa sua visão sobre os programas:

“Programa” é um cardápio de saberes organizados em sequência lógicos, estabelecidos por uma autoridade superior invisível, que nunca está com as crianças. Os saberes do cardápio “programa” não são “respostas” às perguntas que as crianças fazem. Por isso as crianças não entendem por que têm de aprender o que lhes está sendo ensinado. (ALVES, 2004, p. 35)

Alves verbaliza de forma clara que os programas agridem de tal forma as crianças, que chegam a molestá-las de tão violentos, pois inúmeras vezes se depararam com questionamentos de alunos: Porque deveriam aprender coisa que não gostavam e que não serviria para o futuro? Diante disso ele percebia que as crianças sabiam mais do programa do que aqueles que o fizeram.

Ao longo do seu passeio na escola, Alves de imediato recordou sua infância, lembrando-se o quanto era aguçada a sua busca pelo conhecimento, pois ele havia encontrado na Ponte o que sua imaginação desejava ao quebrar relógio de sua mãe. Afirma ele *“Se essas crianças em algum momento fossem coagidas a aprender apenas o que estava no conteúdo programático, era o mesmo que estar limitando o aprendizado”*.

Os professores pontistas não são detentores dos conhecimentos, porém dominam os mais variados assuntos, por isso são professores sem prisões em suas metodologias, sem burocratizações seja no ensino ou até mesmo nas prestações de contas. Tais professores, por sua vez, vão de encontro às pesquisas, juntando-se

aos alunos na descoberta e aquisição de conhecimento, tendo em vista que os temas de estudo são discernidos no decorrer da aula.

Rubem Alves explicou sua teoria de educação criando a metáfora das duas caixas: ilustrando que em uma caixa de ferramenta está o nosso intelecto, que nos dá a capacidade de fazer, criar, descobrir, estudar. Essa é a caixa que nos faz sobreviver, a outra é a caixa de brinquedo, onde encontramos nela o prazer, os jogos, os amores, a literatura e pintura. Essas caixas nos dão prazer em viver. Na caixa de ferramentas estão muitos livros, manuais e listas. Na caixa de brinquedos estão todos os livros que tornam o processo de leitura prazeroso. Ensinar a alguém estudar sem as ferramentas corretas para motivá-lo a descobrir a sua curiosidade intelectual, é o mesmo que deixá-lo sobrevivendo. Instigar o aluno a estudar, traçando um paralelo com aquilo que o satisfaz é criar uma via dupla de aluno-professor e vice-versa.

Na Escola da Ponte, Rubem Alves descobriu que o brincar era algo levado a sério na relação interpessoal dos docentes e discentes, inserido no fantástico movimento de experimentar a descoberta do globo que gira sem parar. Com essa experiência ele percebeu que: “Pensar é brincar com as coisas. Brincar é coisa séria. Assim, brincar é a coisa séria que é divertida.”

Um relato de Rubem Alves:

Quando falo que me apaixonei pela Escola da Ponte, estou dizendo que amo aquelas crianças. Gosto delas. e elas também gostam de mim. Voltar à Escola da Ponte já está se tornando rotina. Quando lá chego, sou afogado por centenas de "beijinhos". Comove-me a amizade daquelas crianças. Sinto que o maior prêmio para um professor é quando os alunos se tornam amigos dele. Um verdadeiro professor nunca sofre de solidão. Rubens Alves, Rubem Alves conta como se apaixonou pela escola da ponte. http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:l3fUBc5bIJMJ:www.feg.unesp.br/~saad/educacao/Rubem_alves_escola_da_ponte.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br, acesso em 09/07/15

A maior realização de um professor é saber que ele faz parte da construção do saber, da vida e da história de cada aluno, e ao se disponibilizar no processo de aprendizagem, tem como retorno o companheirismo, a gratidão, o carinho e amizade.

Rubem ficou apaixonado, dentre tantos motivos, por suprir todas as suas expectativas da infância, pois ele ainda não havia deixado o menino ir, sem antes

realizar seu sonho, sem que percebesse que o relógio mais uma vez foi quebrado , agora com uma diferença significativa de que dessa vez o “relógio” teve jeito.

CAPITULO II: O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

2.1 O CÍRCULO DE ESTUDO

A forma pela qual os alunos adquirem o conhecimento necessário em cada área específica, como matemática e português, foge do padrão convencional de uma sala de aula tradicional, onde o professor coloca-se na frente da turma e repassa o conteúdo. Como tudo na Escola da Ponte é inovador (No processo de ensino-aprendizagem não é diferente), o mesmo segue a proposta do projeto pedagógico da escola, onde foi criado o círculo de estudo que ocupou o espaço das aulas tradicionais.

Quando o professor José Pacheco começou a trabalhar na Escola da Ponte em 1976, ele já havia vivenciado várias situações negativas no âmbito pessoal como no profissional. Experiências essas vividas em outras escolas em que ele já havia lecionado. Com erros e acertos e sob à luz da solidariedade, Pacheco desenvolve uma maturação sobre o que deveria fazer e, assim, foi moldando o círculo de estudo. Tais círculos não eram bem aceitos, pois alguns educadores tinham uma visão equivocada sobre esse modelo inovador de aprendizagem. Questionava-se a qualidade da aprendizagem com a mobilidade consequente em questão.

Estabeleceu-se, então, a seguinte realidade: Uma parte dos profissionais da educação não se importava com a decadência da formação ou com práticas educativas defasadas. Em contrapartida, há professores que não medem esforços e derrubam verdadeiras muralhas para alcançar a formação necessária.

Pacheco afirma que o sentido principal do círculo é trazer a cada pessoa a clareza de como a formação é algo corriqueiro que pode ser construído em todos os momentos, sem a necessidade de se ter um mestre para orientar, tendo em vista que isso pode ser feito em grupo e interação com os próprios colegas, oportunizando a formação acadêmica e social.

O relato abaixo define bem o que é o círculo:

A definição do círculo far-se-á através de um esforço de sublimação de um objeto que ficou algures, num percurso de reflexão que continua e se aprofunda. Centrar-me-ei em processos de formação, no reconhecimento de que tais processos não são independentes das histórias da vida dos sujeitos. Esta concepção delimita o objeto de estudo: centrada nas pessoas e no contexto, desvaloriza a vertente mais tecnicista da formação, isso é, os instrumentos e os meios. Decisão que julgo coerente com o princípio de que não se trata de avaliar a ação de alguém sobre um grupo para conduzi-lo a uma mudança do seu sistema de representações. Os professores são aqui considerados como agentes sócias inseridos em contextos singulares que, embora sejam produtos destes contextos, são também capazes de agir sobre eles e refletir sobre o seu processo de transformação. (PACHECO, 2008, p. 24)

O Círculo de estudo é semelhante aos grupos de estudos utilizados nas Universidades brasileiras, com uma diferença que no Círculo o professor se faz presente apenas para esclarecimentos eventuais. Ou seja, o círculo é um grupo de estudo que trata dos mesmos assuntos de forma organizada, porém, em pequena quantidade. A ausência (em parte) do professor é um fato inusitado. São os membros dos grupos que fazem as articulações necessárias sob a orientação do professor.

A principal função do círculo está verbalizada da seguinte forma:

O círculo de estudos pode ser definido como um “grupo reduzido de pessoas que se reúne para discutir em conjunto, mas sem professor, uma matéria, de forma organizada”. O cerne inovador será, provavelmente, o não haver “professor” – são os participantes que buscam conhecimentos, recolhem informações... No exercício de uma permanente dialogia, “penetram o tema de estudo, realizando-o com a sua própria experiência e concretizando-o, ou exercitam em conjunto as suas aptidões, ou realizam um pequeno projecto”. (PACHECO, 2008, p. 26)

Os membros dos grupos (círculo) formados escolhem o material didático adequado, pesquisam e trocam ideias sobre o tema. No decorrer do trabalho, ocorre um processo de aprendizagem mútua e significativa.

A maior arma do cidadão é o saber, portanto, a formação não é formatação, tampouco substituição. A formação do saber é renovação, é solidificada artesanalmente, por isso traz para cada cidadão transformações nos mais variados aspectos, pois o conhecimento transforma mentes, pessoas, comportamentos e, conseqüentemente, suas escolhas e gostos na contemporaneidade em que vivemos e a renovação nos mais amplos setores, a necessidade de haver outras vias de metodologia de ensino é perceptível nos dias atuais.

O professor ao participar do Círculo, constrói para si uma vasta gama de conhecimento, embora não esteja no grupo para ministrar os temas propostos, é necessário dominar cada tema escolhido. Ou seja, ele entra para “ensinar” e acaba sendo transfigurado por conta do conhecimento adquirido no Círculo de estudos. Vale ressaltar que o grupo rege autonomia, por isso os jovens alunos já começam a construir o ser autônomo e isso está ligado de forma direta à responsabilidade atribuída no Círculo, pois todos são responsáveis pela aprendizagem dos colegas.

O mais fantástico do Círculo de estudo é o dinamismo que essa metodologia proporciona, ao poder estudar tudo em qualquer tempo e lugar; temas primários como história, política, economia e matemática e secundários como culinária, artesanato e a cultura local, sem a dependência e espera pelo professor responsável. A quantidade de membros pertencentes a cada grupo é no máximo de sete pessoas para não comprometer a qualidade de formação e em cada equipe há sempre um líder. As principais características formativas são: A informação, o aprimoramento das habilidades e a solidez de um conhecimento adquirido através de um viés democrático e social.

Constatamos que o círculo era referência de formação há muito tempo, vejamos:

Nos países nórdicos, os círculos são considerados como verdadeiras escolas de democracia participada, onde a autoridade exercida é sempre consentida e nunca imposta. Mas a tradição de formação em círculos é escassa nos países de língua portuguesa. Em meados da década de 1980, os círculos tinham-se multiplicado na região onde a Escola da Ponte está sediada, porque professores de outras escolas tinham identificado vantagens na formação realizada no primeiro círculo, constituído em finais da década de 1970, e os excelentes resultados obtidos pelo projecto “fazer a ponte”. (PACHECO, 2008, p.28).

Mesmo com a escassez dos Círculos de estudos em países onde o dialeto era o português, em meados dos anos 70, a Escola da Ponte já se destacava por ter um grupo dessa natureza à disposição da formação.

A metodologia de estudo em questão faz um paralelo na evolução entre a vida pessoal e a vida profissional, trabalhando aspectos como a harmonia, as relações interpessoais. Quanto a isso, o professor Pacheco nos fala o quanto a Escola da Ponte deu um salto nas relações pessoais em nível de igualdade, pois tais valores são fomentados sob a luz da democracia e não do autoritarismo.

Para a construção do projeto foi preciso criar um resumo com a linha de instruções e as importâncias cabíveis, baseando-se em valores primordiais para o exercício do Círculo, tais como: A dependência mútua dos participantes no cooperativismo, na solidariedade, na interação no meio em questão; a outra é a autonomia em desenvolver argumentos próprios persuasivos como, por exemplo, o direito de ir e vir quando achar conveniente, encorajado sempre pela verdade e liberdade, por fim, o viés democrático que visa formar cidadãos capazes de participar de qualquer ação que os envolva.

Pode-se afirmar, com base nos três pontos destacados acima que quando o aluno tem uma educação que não visa apenas ao lado cognitivo, mas também prioriza a formação enquanto ser humano está se fazendo educação e transformando pessoas.

Pacheco fala da formação evolutiva e transformadora do círculo:

Os estudos dos dispositivos de formação na Ponte e a identificação das suas características poderão ser úteis para a retomada ideia da escola como espaço e tempo de uma formação com intensa relação com a prática profissional. Um círculo de estudos é como um ecossistema de relações e mudanças simbólicas gerador de significado para a mudança pessoal e das práticas, em grupos. A formação acontece numa sobreposição de interrogações críticas inseridas em contexto de trabalho. (PACHECO, 2008, p.31 e 32).

Para um melhor entendimento, Pacheco faz um comparativo entre o Círculo da Escola da Ponte e um ecossistema, pois o grupo em questão remete a certas características.

O Círculo de estudo pontista explora as dimensões do saber, do saber-fazer e do autoconhecimento. Com essa introdução, tem a competência de ultrapassar as necessidades básicas de ensino, pois o grupo não fica preso a conteúdos específicos: O professor é o grande articulador do projeto nos pré-requisitos básicos de estudos, com uma visão crítica e com a orientação do material didático a ser escolhido pelos alunos, bem como onde e como o grupo poderá obter informações. Mesmo com essas vias, o Círculo não é completo sem um exercício ou atividade que possa confrontar o quanto se aprendeu ou o quanto a evolução foi significativa para todos. Por conta disso, os participantes são observados em todos os aspectos estudados e a consistência com o estudo feito.

Os círculos são criados para suprirem as necessidades referidas:

Os círculos de estudos emergem de projectos que, sendo locais e singulares, reflectem um pensar global sobre os problemas que estão na sua origem – *“Cada professor e cada situação, como cada grupo, ou cada escola, é algo único e irrepitível. Ainda que em grupo, o professor não está completamente determinado”*. O círculo reivindica o estar no seu tempo e a seu modo. E, numa época em que a cultura apenas parece servir para ser consumida, é significativo que haja grupos que facultem a cada um o direito e a possibilidade de pensar por si próprio e de recriar culturalmente o seu tempo e espaço de intervenção. (PACHECO, 2008, p.40).

No livro utilizado na pesquisa em questão, o professor Pacheco esclarece que cada grupo, cada escola e cada professor têm características próprias, embora a metodologia e objetivos sejam os mesmos e destaca a importância da criação de grupos dessa natureza que favorecem a autonomia como um todo.

2.2 A FORMAÇÃO ENQUANTO MEDIAÇÃO

Se a qualidade de ensino fosse medida pela quantidade de formação, cursos ou certificados que cada professor tem, a educação deveria seguir um modelo excepcional, levando em consideração tudo o que foi investido na capacitação desses profissionais que estão sempre se dedicando na conclusão de eventos dessa natureza sem haver nenhuma transformação na educação, tão pouco no ambiente em que atuam (sala de aula). Tal fato não pode ser considerado simples, pois o corpo docente não pode absorver inúmeras informações e colocá-las em prática sem as condições estruturais e psicológicas para esse processo acontecer. Eis uma das justificativas de que a teoria nesses casos torna-se muito distante da realidade. Apesar de anualmente ser divulgado um melhoramento na evolução da educação, assim é a realidade do Brasil e Portugal.

As Universidades não apresentam didáticas suficientes para atender à demanda acadêmica. Infelizmente essa didática, que é fundamental para preparar os seus acadêmicos no ingresso em sala de aula, muitas vezes encontra-se defasada. A formação a nível superior é muito distante daquilo que o professor necessita em sala de aula. Se o entendimento de aprendizagem dos acadêmicos se relacionasse com as futuras metodologias usadas pelos professores e essa ligação se tornasse um senso comum entre os mencionados acima, não haveria uma desigualdade entre a teoria e a prática.

O texto abaixo defende a busca pela formação:

Opto pela busca. Porque acredito que a formação acontece quando um professor se decifra através de um dialogo entre o eu age e o eu que se interroga, quando o professor participa de um efectivo projecto, identifica as suas fragilidades e compreende que é obra imperfeita de imperfeitos. Por essa razão, procurei alternativas. (PACHECO, 2008, p.5)

O professor Pacheco defende uma formação à luz de objetivos que estejam em consonância com a comunidade escolar, que possa desenvolver projetos educativos acessíveis aos docentes e discentes, sem dificuldades para serem postos em prática.

Assim como no Brasil e em Portugal é exigido aos profissionais de educação que tenham o nível superior para lecionar. Porém, não se tem uma formação específica para trabalhar na Escola da Ponte, pois o idealizador do projeto entende que todos sigam a proposta da Escola na prática, estando estruturado sob a solidariedade de um professor fazer a ponte com o outro, ajudando, preparando e instruindo cada iniciante no que for necessário para a inclusão profissional de cada educador. Com essa ação pode ser constatado que o projeto Fazer a Ponte é habitado em todas as instâncias da escola.

Os contextos dos conteúdos a seguir sobre a formação pontista são baseados em depoimento de profissionais da Escola da Ponte, para ter uma melhor compreensão de como se dá essa metodologia de formação enquanto mediação de cada educador.

O educador só se encontra em um processo de “acabamento” quando a sua capacidade de transmitir o conteúdo desejado for confirmado com a compreensão de um ensino transfigurador, onde o professor não seja mestre e, sim, facilitador e que o aluno seja um participante de toda ação. Quando o docente tiver consciência disso, ele deixará de ficar sozinho na sala de aula e será visto como intercessor da formação.

Há muitos anos, o professor Polivalente foi abolido na Escola da Ponte. Nos primeiros cinco anos do Ensino Fundamental I, o profissional em questão nem sempre era especialista em todas as áreas, e por isso eram notórias as falhas no ensino. Por conta disso, hoje, a Ponte usa o mediador do conhecimento, onde cada professor atua em áreas específicas. Pacheco esclarece isso quando fala que “*O mundo dos métodos de ensino e o dos processos de aprendizagem estão ainda*

separados. A forma como o professor ensina ainda não foi relacionada com a forma como o estudante aprende". (Pacheco, 2008, p.5)

Descrição de interação dos docentes:

"Sou professora há trinta e dois anos, uma vida a ensinar e a aprender. Nunca foi fácil. Por certo, não sou, hoje, a professora que fui no início da carreira. Não sei se serei melhor, mas certamente serei diferente. De uma coisa eu tenho a certeza: sempre tentei fazer o melhor para os alunos (...) Aqui, na Ponte, não me disperso tanto, sigo mais uma linha que me conduz àquilo que pretendo e que entendo seja melhor para as crianças (...) Aqui, apercebi-me de que elas não são recipientes virgens, onde os mestres despejam cultura a potes, fazendo da sala de aula uma área de passividade, quando devia ser precisamente o contrário - activa, em movimento, aberto a críticas". (PACHECO, 2008, p.49)

Na Ponte, há professores com mais de 30 anos de profissão, que ao fazer parte do grupo de educadores da escola e utilizar os métodos desenvolvidos tornaram-se mais realizados em seu ofício, pois não estão acorrentados a um sistema tradicional de educação e, sim, inseridos num projeto que abarca um viés educacional que entende ser o melhor para as crianças.

O texto esclarece que há apenas uma pedagogia:

A mediação está associada à ideia da prática de uma pedagogia unitária da formação, de um isomorfismo que questione a linha de delimitação da formação de adultos da formação de crianças. Não há duas pedagogias – o modo como o professor aprende é o modo como o professor ensina. Há apenas uma pedagogia afirmada pelo professor no círculo, aquela que é a formação como projecto, produção da sua vida e do seu sentido, que é a vida e o sentido de vida dos seus alunos. (PACHECO, 2008, p.49)

Por volta dos anos 80, com a proposta de projeto para ensino fundamental, fez-se perceptível a fragilidade no processo de ensino-aprendizagem. Com isso, abriu-se a oportunidade de discussão sobre as práticas de ensino e desde então, os professores passaram a compreender que o melhor para os alunos era também o melhor para os professores. Assim, viu-se a necessidade de se ter métodos mediadores ligando de forma direta os professores e alunos.

Desenvolver um trabalho dessa natureza não é fácil, por isso o professor não está sozinho, porque estando só o educador cria mecanismos que poderão impedi-lo de fazer um bom trabalho. Para que isso não aconteça, é necessário que seja estabelecida uma relação pautada no companheirismo e encorajamento de um para com o outro. Assim não corre o risco de figurar o desânimo, pois as dúvidas e preocupações são advindas de todos os lados. O espaço onde ocorre a formação

(No caso o Círculo) já não é exclusivo do professor, ancorado no fato de ele não estar só. Por conta disso, todo facilitador tem uma relação muito estreita com cada grupo. Nos Círculos, todos são chamados a serem emissores e receptores de informações.

Abaixo é detalhada a participação ativa dos educadores:

“Como trabalhar com colegas, em espírito de abertura total, e colocando-se em cheque sempre, sem que isso vá ferir o mais íntimo de cada um de nós? (...) para evitar erros, ou projecções da nossa pessoa nos alunos com quem lidamos, os professores necessitam (eu necessito!) destes encontros, que nos ajudam a reflectir a necessidade de nos interajudarmos, de nos auxiliarmos, em vez de nos isolarmos (...) sinto mais mudanças internas, apesar de anteriormente já está predisposta (...) o melhor é sentir que não estou só.” (PACHECO, 2008, p.53 e 54).

À medida que os professores expressaram preocupações semelhantes, foi sendo percebida uma grande diferença entre fazer o ensino através de metodologias pautadas no mesmo e a importância em compartilhar o ensino. Neste último, foi constatado que haveria uma relação interpessoal. No outro caso, a relação seria isolada. Por outro lado, quando um grupo de pessoas se une em prol da mesma causa, é comum que abracem a situação com determinação.

É importante perceber que a união e a inovação são fundamentais para a Ponte:

Ao introduzir alterações na minha sala de aula, verifiquei que precisava tirar dúvidas, para sentir mais segurança no que quero fazer. Preciso de não ter receio de aplicar novos conhecimentos e saber que ao fazê-lo não irei prejudicar de qualquer forma os meus alunos, por não estar segura do que estou a fazer (...) juntos, com o conhecimento e experiência de outros colegas e com aprendizagem de novos métodos, técnicas e instrumentos de trabalho, alcançaremos a realização pessoal, a segurança e a autonomia de que necessitamos (...). (PACHECO, 2008, p.54)

Com a leitura do texto acima, fica claro que a formação dos educadores pontistas não é limitada em reuniões, fóruns, congressos ou eventos desse porte. A introdução na proposta da Escola da Ponte é inserida na parceria, no diálogo e no reconhecimento das limitações, buscando sempre uma aprendizagem satisfatória, crescendo com as experiências e conhecimento dos colegas. Com essas ações, pode ser alcançada a segurança e a autonomia desejada para o sucesso esperado.

O texto explica de forma rápida como se dá o processo de formação dos docentes:

“Os professores partilham não apenas o que sabem, mas aquilo que são e, mercê desta condição, a formação terá de ser mais uma manifestação de desenvolvimento do que um pretexto para ensinar a ensinar”. Para avaliar o impacto da formação no professor e na escola, é indispensável a participação do colectivo numa oportunidade de confronto e troca de experiência. A valorização social da formação e da profissão passa pelo fortalecimento do convívio profissional, no aprender com os outros a reformular práticas e identidades. (PACHECO, 2008, p.55).

A formação enquanto mediação acontece na construção diária com a experiência de cada aula, partilhando-as. Embora a formação dos professores se destine em prol da formação dos alunos, ambas são distintas, pois o ensino dos alunos é trilhado sobre o Projeto Fazer a Ponte, já os educadores vão adaptando essas formações de acordo com a necessidade dos alunos.

O Círculo de estudos é o lugar onde tudo se faz luz, seja nos obstáculos superados, ou nas dificuldades apresentadas. Todos que sejam íntimos do projeto dão as instruções necessárias para o bom andamento do trabalho do grupo. Destaca-se mais uma vez a importância do professor receber subsídios, sejam eles por parte de colegas de trabalho ou de alunos que compartilham o saber.

Com a separação do ensino tradicional, onde era vivenciada a autossuficiência, desde então os professores foram instruídos a aprender uns com os outros. Com a autonomia construída pela equipe, os professores entenderam que havia comunicação, e, conseqüentemente, formação com um propósito em comum, pois sempre serão mestres e aprendizes em qualquer tempo e espaço, capazes de centrarem-se num processo de aprendizagem mútua.

A formação voltada para um único professor denuncia de forma clara a deficiência da sua limitação para a prática, tendo em vista a diversidade que é a educação. Um grande aspecto que poderá fazer toda a diferença na educação inovadora é a conscientização de grupos de professores que se unam em prol de uma educação de qualidade para todos. Apenas colecionar certificados e títulos não garante educação, tampouco profissionais de excelência. O que fará a diferença é o êxito obtido através do esforço coletivo para a superação das dificuldades, fazendo adaptações e melhorias nas metodologias já criadas para atender à realidade e necessidade de cada educador e Instituição.

2.3 METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO

A Escola da Ponte trabalha seguindo métodos avaliativos bastante flexíveis, respeitando cada criança como ser único, a maturação no ensino e a via de evolução dos alunos também é próprio de cada um. Como os alunos estão em processo constante de formação, é necessário que o corpo docente interfira com a motivação na formação de suas identidades para que sejam críticos e responsáveis.

Os alunos são avaliados de todas as maneiras que fogem do método tradicional utilizado por outras escolas. Por isso, a criança é avaliada em todos os momentos como coisas simples, tais como a solidariedade com os colegas, aspectos comportamentais, cumprimento de metas estabelecidas nos planejamentos, dentre outros. O professor deve estar sempre atento para diagnosticar a evolução de cada aluno, bem como dedicar a todos uma educação voltada para as suas necessidades.

Orientador educacional atua na percepção do desenvolvimento do aluno e o acompanha de forma periódica o planejamento de vida, estando sempre presente na elaboração de cada atividade, possibilitando ao educando o aprender do estar, do ser, do conhecer e do agir. Com a parceria do tutor, o aluno elabora seu próprio projeto de estudo. Nesse processo, ambos são responsáveis por fazer uma avaliação produtiva do trabalho.

O Projeto Fazer a Ponte insere-se na Escola da Ponte com o objetivo de mostrar como se dá a metodologia de ensino e como poderão ser os processos avaliativos da escola. Porém, essa via não é aplicada da mesma forma por todos, ou seja, o projeto pedagógico é o mesmo para todos, que lidam com ele de uma forma pessoal.

Não é perceptível o desenvolvimento cognitivo dos alunos se confrontado a um regulamento ou sobre a exigência de um professor, baseando-se em testes que não garantem a aprendizagem. Por conta disso, o professor não fica só em sala de aula. Sempre há colegas dispostos a dividir os espaços educativos, formando, educando, avaliando numa comum união entre discentes e docentes.

No momento em que os grupos vão se organizando e no decorrer do tempo em que cada educando vai interagindo com os colegas, favorecendo troca de

aprendizagem tanto nos trabalhos individuais e coletivos, os orientadores já consideram esse processo como uma avaliação.

Os alunos procedem quase sempre na autonomia dentro do espaço escola, escolhendo o que querem estudar e em seguida buscar em qualquer dependência da escola para adquirir material para a pesquisa ou simplesmente consultar um colega ou um orientador, ou ainda obter informações através dos grupos de estudos. Muito mais vantajoso para a comunidade escolar é que a inclusão aconteça sempre sob a luz da satisfação de cada criança.

O aluno é visto como ser único:

Tendo a avaliação um carácter contínuo e sistemático e por ser indispensável contemplar o ritmo de cada aluno, a nossa avaliação tem por marco de referência o ciclo e nunca o ano de escolaridade. Cada criança é um ser único e irrepitível, não há alunos com idênticos de aprendizagem, é improvável a coincidência de níveis de desenvolvimento nas diversas áreas do domínio cognitivos, do atitudinal, no desenvolvimento de destrezas como no das competências. fazer a ponte, autor desconhecido, http://api.ning.com/files/wfYneB8Th2Y*Ch**BumqBDahmfFy8sUy1Fey8-4AcSEycjaGUaNzYgTxQXFgSH0KytadvLKgFCxLvusqsH-5CqE3lj7cGljO/fazer_a_ponte.pdf. Acesso em 25/07/15.

A forma como a Ponte faz a avaliação baseia-se no respeito pelo ser único que o aluno é desconsiderando o ano escolar em que deveria estar e priorizando que ele já foi formado. Todas as vias favoráveis são vistas como um método de avaliação à aprendizagem, seguidas de um julgamento próprio do aluno, dando a liberdade de escolher como e quando quer ser avaliado.

Os instrumentos de observação utilizados pela Escola da Ponte para fazer uma avaliação em um aluno são muito vastos. Mas tem como premissa principal plano de estudo, com a finalidade de saber o que será feito, com quem, quando e diariamente é estabelecido um comparativo do que já foi executado e o que ainda precisa ser feito, revendo metas e traçando novos objetivos. A criança também faz um relatório autoavaliativo sobre suas descobertas atuais. Também é feito um portfólio para ser usado como fonte de pesquisa para a turma.

O jornal da escola é outra fonte onde podem ser escritas as novas aprendizagens, a ficha de autoavaliação que o aluno pode fazer sozinho. Logo após o orientador faz a releitura de todos os trabalhos “*impressos*”, pois são comparativos de trocas de informações e de aprendizagens. Tudo feito de forma interativa,

primando a comunicação como mecanismo de ajuda ao colega, como por exemplo, o quadro de solicitação. Na medida em que se dá o processo de ensino, há também a aprendizagem no que diz respeito à grandeza de lecionar.

É muito prazeroso avaliar as crianças sem afetar o aspecto psicológico com teste ou prova para medir seus conhecimentos. A metodologia usada flexibiliza os alunos no âmbito da busca pelo saber, pois todos são conscientes de seus direitos e deveres. São os próprios alunos que fazem sua autoavaliação, que é somada a do Orientador Educacional. No fim do dia, os alunos e professores começam a fazer uma espécie de balanço do dia letivo, traçando um paralelo do plano diário com as atividades desenvolvidas. Nesse balanço é relatado tudo o que diz respeito ao processo (ou não) de aprendizagem, bem como os motivos pelos quais essa aprendizagem não se deu. Assim, alunos e professores podem perceber de uma forma precoce as suas necessidades básicas, disponibilizando uma educação satisfatória para ambos os lados.

Aqui se constata a maturação do discente pontista:

Foi importante ser boa aluna muito tempo, aprender os gráficos e descobrir como sou. Aprendi coisas da vida, que eu não sabia que existiam. Aprendi a corrigir os meus erros e a minha memória. Relembrei como se trabalha em liberdade e como se faz avaliação do trabalho, como se tiram as coisas da cabeça e se aprende a não copiar. "Aprendi a fazer as coisas com imaginação e a encher uma folha com coisas importantes." (Ângela) Autor desconhecido. http://api.ning.com/files/wfYneB8Tth2Y*Ch**BumqBDahmfFy8sUy1Fey8-4AcSEycjaGUaNzYgTxQXFgSH0KytdvLKgFCxLvusqsH-5CqE3lj7cGljO/fazer_a_ponte.pdf, Acesso em 25/07/15.

No referido texto, podemos diagnosticar que a educação na Escola em questão não visa apenas ao intelecto, indo além dos parâmetros cognitivos. Os fatos estudados nos levam a crer que os alunos são formados dentro de uma perspectiva humana que prioriza competências e habilidades.

Já o método usado para a caracterização de notas foi desenvolvido apenas para satisfazer uma exigência do Ministério da Educação de Portugal. O registro das notas é feito somente ao término do ano letivo e entregue aos pais ou responsáveis e para o aluno que faça a solicitação. O ano não é dividido por etapas, como de praxe nas outras escolas. Por outro lado, há um desempenho considerável por parte dos alunos em estabelecer um estudo de qualidade, sempre ultrapassando os limites do saber.

O estudo da Universidade de Coimbra atesta que:

O Relatório da Comissão de Avaliação Externa do Projeto Fazer a Ponte (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2003, p.42-44), contratada pelo Ministério da Educação, apresenta a análise estatística do período de 1991 a 2001, quando ao trajeto escolar dos (as) alunos (as) egressos (as) da Escola da Ponte. Comparados (as) aos que estudaram em outra escola de Vila das Aves, o Relatório sinaliza que os (as) da Ponte “apresentam níveis de aproveitamento global superiores aos dos restantes dos alunos que frequentaram a EB2/3 das Aves no período de 1991 a 2001, tendo, também, classificações mais elevadas no 5º e no 6º ano.” (SANTA ROSA 2008, p. 62)

Com a constatação da qualidade do ensino citado no texto acima, foi esclarecido que o nível de educação ministrado na Escola da Ponte tem um significado importante para toda a comunidade escolar, tendo em vista que o ensino não segue a proposta do Estado português, constatando que o ensino não precisa ser necessariamente de turmas, salas de aulas, séries, horários iniciais e horário final dentro de aulas formais. A Escola da Ponte vem ao longo dos anos revolucionando a educação mundial, esclarecendo a todos que não há uma única forma de ensinar e aprender, pois não somos parecidos e tampouco temos as mesmas habilidades e competências.

Porém, a Escola começou a realizar Simulados para que os discentes se adequassem a esse tipo de mecanismo usado pelo Ministério da Educação. Há a preocupação com o desempenho dos alunos em Exames a nível Nacional. São utilizadas as provas de Concursos realizados em anos anteriores na aplicação, para que os alunos construam experiências com essa didática.

CAPÍTULO III: A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA: DESAFIO E INOVAÇÃO BASEADOS NO MODELO DA ESCOLA DA PONTE²

3.1 A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA DA PONTE AO ENSINO BRASILEIRO

A principal característica do ensino da Escola da Ponte é a inclusão em todas as esferas e o respeito ao tempo que cada aluno leva para concretizar seu aprendizado, haja vista que todo indivíduo tem seu próprio tempo, bem como peculiaridades para absorver o conhecimento. Todas essas foram sendo comprovadas durante o tempo de pesquisa realizada dentro do Projeto pontista.

Considerando que a educação inclusiva brasileira ainda se encontra longe do seu objetivo central, poderiam ser incorporadas algumas práticas educativas do Projeto Fazer a Ponte, adaptando essas metodologias à realidade local e inseri-las no âmbito da educação inclusiva, para que os alunos sejam ativos e participativos na prática escolar, pois em muitos casos não passam de meros expectadores.

Outro fato de suma importância na educação brasileira que deveria ser considerado suas metodologias de ensino é a educação de jovens e adultos, pois o material didático desse público, muitas vezes, está fora da realidade do corpo discente, levando em consideração que muitos são pessoas de idade avançada e jovens desistentes ou retardatários, a via de ensino utilizada para esse público em questão não oferece em muitos casos a compreensão e habilidade que se desenvolve com alunos mais jovens, pois se houvesse um método capaz de respeitar o tempo de aprender de todos de forma pessoal e particular, o rendimento seria muito mais proveitoso.

A LDB - Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) dedica o capítulo V para a orientação da educação inclusiva no país. A Lei afirma que todas as crianças, adolescentes e adultos têm direito ao acesso igualitário à educação em consonância com a comunidade escolar, para a obtenção de um ensino de qualidade, respeitando e valorizando a diversidade de todos aqueles que apresentem

² Esclareço que foram usados para melhor informar o leitor, que fizemos uso dos vídeos do idealizador da Escola da Ponte e diálogo com pessoas ligadas à mesma, através das redes sociais, para chegarmos aos dados dissertados aqui.

necessidades educativas especiais. Também nos mostra a necessidade da formação e especialização dos professores para que a inclusão aconteça de forma satisfatória para os estudantes. A inclusão tem como principal objetivo proporcionar a todos uma relação participativa na sociedade em geral.

Foi nos anos 90 que a educação inclusiva começou a concretizar os passos para a sua estruturação. Com a participação do Brasil no Congresso Mundial, ocorrido na Tailândia, que abordava o tema central *Educação para todos*, foi quando começaram a sair os primeiros arranjos para o fortalecimento da educação inclusiva no Brasil. Ampliando assim a educação especial para a educação inclusiva de acesso a todos. Para SASSAKI (1997, p.3). Conceitua-se a Inclusão Social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

De forma breve, o texto nos explica sobre educação inclusiva:

A política de educação especial que orienta os sistemas de ensino para garantir o acesso de todos os indivíduos nas escolas regulares atendendo as suas necessidades educativas especiais compreende os fundamentos da educação inclusiva (BRASIL, 2006a). O atual conjunto de leis sobre a educação recomenda que as instituições de ensino devam garantir aos alunos com Necessidades Educacionais Especiais: métodos, procedimentos e uma organização específica para atender às suas necessidades (BRASIL, 2007). Martins dos Santos, Métodos e procedimentos utilizados na educação especial na perspectiva da educação inclusiva. (SASSAKI 1997, p.3)

A educação inclusiva no Brasil entende que para o aluno com necessidades educativas especiais não pode ser exigida a mesma competência que é cobrada dos alunos que não apresentam nenhum déficit na aprendizagem. A educação dos alunos em questão está mais voltada para as práticas individuais que possam proporcionar a aprendizagem e a capacidade de concluir as tarefas que lhe foram propostas. Desta forma, a escola poderá realizar a inclusão tanto no âmbito social como no pedagógico.

Na inclusão há vários aspectos que devem ser levados em consideração para a evolução pedagógica dos alunos. Um dos instrumentos indispensáveis é a especialização e instrução dos profissionais responsáveis pela construção do saber dos discentes. Para isso, é necessário despertar nos professores sensibilidade para conduzir o aluno a participar de atividades em prol da construção pedagógica,

motivando-o de maneira ativa nas tarefas, oportunizar momentos em que todas as crianças possam interagir e incentivar os alunos a tomarem parte dos movimentos no seio do ambiente escolar.

Fazer inclusão é renovar a educação:

Construir um Projeto Político Pedagógico, numa perspectiva de escola includente exige, portanto: reorientar radicalmente o currículo em todos os seus aspectos, desde a organização das turmas, a escolha de cada professor ou professora para cada grupo de alunas, a horários de aula, a seleção de conteúdos culturais que na escola ganham o nome de conteúdos pedagógicos, a escolha dos materiais didáticos, das metodologias e didáticas ao tipo de relações que se dão na sala de aula e no espaço fora da sala de aula, a relação da escola com as famílias das alunas e com a comunidade circundante e, até a repensar a avaliação em suas consequências na vida das alunas. Nascimento, Educação inclusiva no Brasil e as dificuldades enfrentadas em escolas públicas. <http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/04122012Cristina%20de%20Fatima%20do%20Nascimento%20-%20TCC.pdf>, acesso em 27/07/15.

Para que o Brasil possa dar um salto na educação inclusiva é necessário traçar um novo Plano Político Pedagógico (PPP) que seja capaz de tirar o país da superficialidade e levá-lo a práticas evolutivas, dando a devida importância à diversidade, elaborar projetos capazes de formar os pais ou responsáveis na conscientização de que a participação e acompanhamento são fundamentais para construção tanto no plano pedagógico como familiar.

A Escola da Ponte, com seus quase quarenta anos, vem contribuindo significativamente para a educação inclusiva no mundo inteiro, demonstrando que há várias formas de lecionar e aprender, mostrando de forma indireta que a educação em si, de uma forma especial a educação inclusiva, precisa de uma retratação em todos os seus setores desde a educação infantil até a formação dos futuros professores no âmbito acadêmico.

Em todos os ciclos de estudos, há a presença de uma criança com déficit de aprendizagem. Quando há uma demora de resposta por parte dos professores no desenvolvimento das atividades propostas, logo um colega se disponibiliza para contribuir na orientação da atividade, ou seja, as crianças sempre são acompanhadas nos desenvolvimentos de todas as atividades, seja pelo professor ou por um aluno do mesmo ciclo.

Portanto, a inclusão na Escola da Ponte é vivenciada desta forma:

Assim, na Escola da Ponte, o aluno com *necessidade educacional especial* ocupa o mesmo espaço que as demais; seu status dentro da sala é o mesmo que dos demais alunos, pois todos estão lá para aprender muitas coisas e ocupar um papel em sua comunidade, assim, todos partilham de um mesmo mundo. Nas palavras de Pacheco (2006), “*obrigar cada um a ser um outro igual a todos é negar a possibilidade de existir como pessoa livre e consciente*”. Assim, a participação requer o desenvolvimento de métodos, assim como feitos na Escola da Ponte, que assegurem a participação significativa das pessoas com dificuldade de aprendizagem nos processos de tomada de decisão (FLORIAN 1998 p. 5)

O diferencial da educação inclusiva da Escola da Ponte é que os professores e alunos têm uma atenção redobrada para as crianças de necessidades educativas especiais. Todas dividem o mesmo espaço e realizam as mesmas tarefas.

Na Escola da Ponte, a inclusão se faz para todos. Independente de limitações ou necessidades especiais, os alunos são respeitados em seus aspectos cognitivos, bem como o tempo de aprender peculiar de cada um. Os alunos adquirem o saber com experiências pessoais, o orientador educacional tem o cuidado de fazer a ponte com todos que compõem a comunidade escolar no que diz respeito à ajuda mútua entre professor-professor, aluno-professor e professor-aluno. Assim, constata-se que na Escola da Ponte há a inclusão não somente para a minoria, mas para todos que compõem a instituição.

Os alunos com deficiência de necessidades educativas especiais fazem as mesmas atividades que os outros fazem e vice-versa. Nos casos de CEI (Currículo Específico Individual – legislação portuguesa) é que, sempre que necessário, trabalham tarefas mais práticas (até três vezes por semana) e possuem um tempo extra de educação física (para trabalhar aspectos motores em geral). Na maioria do tempo, esses alunos estão reunidos em grupos de atividades, todos participam cientes de suas responsabilidades, como na assembleia, tutoria e nas demais atividades cabíveis.

No início da proposta pedagógica, em 1976, o professor José Pacheco já tinha a consciência da importância da família na construção do saber e na interação à sociedade e por conta disso foi criada a Associação de pais não só para aproximar família e escola, mas também para fazer parcerias, pois é graças à força que os pais exercem dentro da escola que o projeto Fazer a Ponte está em vigor.

As principais motivações do professor Pacheco em criar um mecanismo de educação capaz de satisfazer a todos com a mesma metodologia de ensino era ter

uma formação de mão dupla, com a construção do ser pessoa socialmente falando e proporcionando um ensino de qualidade igualitário a todos, bem como manter viva a solidariedade na promoção da ajuda mútua, trabalhando a autonomia já na infância, na medida em que também houvesse uma comunicação estreita com todos os envolvidos na educação das crianças (professores, funcionários, os alunos em geral e a família como um todo). Com o benefício da comunicação, o novo instrumento de educação estaria em constante transformação.

Outro setor na educação que deveria seguir os passos da autonomia, da liberdade e solidariedade deveria ser a Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde a LDB no art. 37º discorre que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Ou seja, muitos dos alunos em questão têm o seu desenvolvimento estudantil interrompido por conta da dificuldade em aprender, tendo em vista que a maioria não frequenta a escola há muito tempo, dificultando, assim, o domínio do aprender. Outro ponto bastante perceptível é a metodologia usada em sala de aula, que é a mesma utilizada nas séries regulares.

De forma instantânea, Naif fala das dificuldades do público-alvo:

[...] a escola muitas vezes encontra dificuldades para compreender as particularidades desse público, no qual os motivos que os levam à evasão, ainda no início da juventude, e as motivações que envolvem sua volta à sala de aula são informações preciosas para quem lida com a questão. Deixá-los escapar leva à inadequação do serviço oferecido e a um processo de exclusão que, infelizmente, não será o primeiro na vida de muitos desses alunos. (NAIF, 2005, p. 402)

A educação de jovens e adultos é um tanto quanto fragmentada nos seus aspectos físicos e metodológicos. É importante um melhor aproveitamento do ensino, baseado no respeito relativo à evolução no saber do público-alvo, suprimindo assim a necessidades de todos. Seria interessante adotar uma metodologia mais inclusiva, norteadas nos métodos pontistas.

3.2 DIFERENÇAS ENTRE O ENSINO BRASILEIRO E O ENSINO DA ESCOLA DA PONTE

A principal diferença do ensino entre o Brasil e a Escola da Ponte encontra-se nas metodologias utilizadas. No nosso país adota-se uma forma mais objetiva, que tem como foco central o ingresso dos alunos na Universidade. Já na Escola da

Ponte, os objetivos são amplos e variados, onde podem ser trabalhados com as crianças e adolescentes aspectos comunitários, humanitários e formação a nível intelectual, capacitando-os a apresentar bons resultados como qualquer outro aluno. A divisão de gestão pedagógica é encarada de forma totalmente diferente nos dois espaços educativos.

A educação básica no Brasil divide-se em três segmentos: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Tem início com a Educação Infantil, que segundo a LDB no seu Art. 29º *A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.* Sustentados na referida Lei de Diretrizes e Bases, é direito de todas as crianças o acesso à educação nos primeiros anos de vida, para possibilitar o desenvolvimento e a praticidade das questões citadas acima e fatores como a motricidade em geral. (LDB, 1996, art. 29).

O ensino fundamental tem a duração de nove anos, englobando alunos com faixa etária de 06 a 14 anos. O principal objetivo é fazer com que os alunos tomem gosto em aprender, tendo o domínio da escrita, leitura, ciência e problemas matemáticos, assim como o amadurecimento nos aspectos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos. Com esses instrumentos, podem-se adquirir técnicas para a aptidão na aprendizagem. No Ensino Fundamental, os alunos vão amadurecendo de maneira autônoma, baseado em tudo que já foi ministrado.

O Ensino Médio é a última etapa da educação-base, com duração de três anos. Normalmente o aluno ingressa com 15 e finaliza com 17 anos. O Ensino Médio oferece mais opções de metodologias aplicadas no segmento. Há o Ensino regular integral e o Ensino profissional ofertado por escolas profissionalizantes, o trabalho a ser feito em tais segmentos é aprofundar o conhecimento adquirido no Ensino Fundamental, nortear os alunos na construção da cidadania, a fim de que eles exerçam seus direitos e deveres como cidadãos, bem como possam contribuir na formação ética e na autonomia intelectual enquanto seres pensantes.

A educação básica tem como motor propulsor a formação ao educando, para que este tenha plenas condições de exercer suas funções enquanto cidadão apto a realizar qualquer trabalho na medida em que se dê a continuidade dos seus estudos.

Pode ser organizada por séries e turmas divididas por idade, em quatro etapas e dois semestres para o cumprimento de todo o conteúdo programático do ano letivo e assim sejam trabalhados os conteúdos necessários.

O ano letivo tem uma carga horária de oitocentas horas, no decorrer de no mínimo duzentos dias para o desenvolvimento das atividades escolares, inclusive os exames finais de cada etapa. A principal forma de medir a aprendizagem do aluno é através de testes, prova que possam avaliar o conhecimento adquirido durante a etapa ou semestre, podendo acelerar os conteúdos para alunos que estão atrasados e quando necessário proporcionar ao aluno com baixo rendimento acadêmico uma recuperação paralela no período que está cursando.

O controle da frequência na escola fica a critério de cada instituição de ensino, contanto que no final do ano letivo o aluno tenha setenta e cinco por cento de presença para garantir aprovação no ano seguinte.

Para que as escolas, em geral, tenham um bom desenvolvimento na formação, educação e ensino, elas são divididas em cargos de Gestão pedagógicas e administrativas, todas com importância significativa para o andamento e o cumprimento das atividades estabelecidas como meta para obtenção de resultados satisfatórios. Os principais cargos são:

- *Direção Pedagógica* – O diretor pedagógico é responsável por toda a comunidade escolar, este é mais que um administrador educacional que lida com orçamentos e calendários da escola, detentor do poder de decisão. É um líder em potencial. Ou seja, tem o domínio do cotidiano escolar, bem como o conhecimento da realidade da sala de aula, enquanto exerce influência sobre os alunos e professores. Ainda dentro da questão burocrática, o diretor tem o cuidado no cumprimento das normas estipuladas pelo sistema educacional e o compromisso de garantir que estas sejam cumpridas dentro das propostas, liderando os docentes para que a qualidade de ensino esteja sempre em excelência, e dar garantias de que o Projeto Político Pedagógico da escola esteja em consonância com as práticas trabalhadas em salas, sem falar no poder de admitir ou demitir qualquer profissional da escola.

- *Supervisão Pedagógica* – O supervisor é um grande parceiro do corpo docente, pois é ele quem cuida de forma direta da equipe em questão, como as relações interpessoais, o relacionamento entre professor x aluno, se o profissional está cumprindo o conteúdo programático. O contato do supervisor com o corpo discente é mínimo, tendo em vista que sua principal função é garantir que todos os projetos e planos estipulados para o ano letivo sejam executados com eficiência. A principal característica desse educador é a habilidade de ouvir e ser ouvido, a fim de intermediar soluções pautadas na parceria e no companheirismo.

- *Coordenador Pedagógico* – É quem lida de forma direta com os discentes a fim de garantir que as metodologias usadas em sala de aula sejam fiéis à proposta da escola, no cumprimento das avaliações (teste, provas e trabalhos) estejam sendo executadas de forma eficaz, tendo sempre cuidado com o rendimento pedagógico de cada aluno, sendo ou não satisfatório, o coordenador é quem está sempre fazendo a ponte entre aluno-professor nas dificuldades corriqueiras. O profissional em questão é quem faz valer as normas e regras da escola nos caso de indisciplina, com punições cabíveis previstas no regulamento da instituição e por fim, é a coordenação quem tem um maior contato com os pais ou responsáveis, sendo transmissor nos aspectos disciplinares, cognitivos, no rendimento estudantil como um todo.

- *Secretário (a) Escolar* – É o profissional responsável por toda a documentação dos alunos e professores, validando qualquer documento expedido sob o aval da direção. É na secretaria que se admite ou despede um aluno no sentido burocrático. A secretaria responsabiliza-se de manter em boas condições os arquivos de todos os alunos e professores que já passaram na escola e daqueles que ainda estão na ativa. Alguns veem a secretaria como o centro da escola, pois sem ela não há histórico dos alunos, dos professores e registros dos funcionários em geral.

- *Corpo Docente* – Os professores são os grandes protagonistas, responsáveis por ministrar para os alunos os conteúdos inseridos nos materiais didáticos, informando-os de uma maneira clara, específica e direta a fim de que todos compreendam o conteúdo programático ao longo das etapas, instigando os

discentes a serem pessoas pensantes, críticos, questionadores e ter opiniões próprias.

Cruz fala acerca da importância do professor:

A escola possui uma missão cultural, tornando-se elemento-chave para a articulação de interesses, de gostos e de socialização de aspectos históricos, sociais e culturais, sendo os professores os seus catalizadores, acelerando ou retardando o processo. A atuação do professor é estratégica, exercendo um papel de tradutor da ideia oficial para o contexto da prática. Nessa perspectiva, a prática docente no contexto da sala de aula não pode ser encarada como um exercício meramente técnico, marcado pelo atendimento às prescrições curriculares desenvolvidas por outrem. Os aspectos que perpassam o ofício do professor são múltiplos e complexos, inviabilizando qualquer tentativa de redução da sua ação. (A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares), (CRUZ, 2007, p. 5)

O texto destacado acima evidencia o papel do professor e a importância das Instituições de ensino, bem como a função do educador que se destaca devido sua capacidade de transmitir informações. Os docentes figuram como principais instrumentos de formação em sala de aula. Já a escola é quem proporciona as condições para se dar a formação para os discentes, para que estes futuramente possam exercer seu papel na sociedade.

A Escola da Ponte segue um modelo totalmente avesso às escolas habituais. Sendo instruída por seu próprio Projeto Pedagógico, vivenciando cem por cento na autonomia. O projeto Fazer a Ponte é o leme dessa embarcação. Seu idealizador, o professor José Pacheco, pensou no Projeto como fonte de renovação educacional para a escola em que lecionava, projeto esse que servisse a toda comunidade escolar sustentado na solidariedade, autonomia, liberdade e na inclusão.

Na Ponte não há sala de aula para uma turma específica. Existem salões com alunos de várias idades, não há um único professor em sala de aula, todos os professores estão juntos, orientando os alunos em suas áreas específicas de formação. Cada professor é responsável por formar grupos de estudos. Não se estipula tempo para o início e fim de cada aula, são os professores e alunos que determinam esse tempo. Antes de o orientador educacional transmitir qualquer conteúdo, é feita uma investigação com as crianças para saber o que elas querem aprender. Os orientadores nunca estão sozinhos, porque dividem o espaço educativo com outros colegas facilitando o atendimento em todas as instâncias.

Na Escola da Ponte a formação é distribuída em três ciclos (Os ciclos no Brasil equivalem ao Ensino Fundamental) O primeiro ciclo é composto por alunos de 7 a 9 anos, no segundo ciclo, os alunos têm 10 e 11 anos e o terceiro ciclo, abrange alunos com faixa etária de 12 a 14 anos.

A grande diferença da educação da Ponte é o cumprimento preciso da proposta pedagógica, pois na Ponte não existem professores polivalentes. Ou seja, todo orientador pontista interage com os alunos somente em suas áreas de domínio específico, garantindo que toda a proposta pedagógica será ministrada com sucesso. Outro fato bastante curioso é a inclusão praticada em todos os espaços, abrangendo até mesmo os professores.

Não existe um processo formativo para instruir o profissional de educação a trabalhar na Escola da Ponte, este feito vai sendo construído na base da solidariedade dos colegas veteranos amparados pela autonomia e partilha um para com o outro. Os professores são selecionados através de concursos, podendo ser desligados caso não se encaixe na proposta da escola.

Os métodos avaliativos na Escola da Ponte são bastante flexíveis, respeitando a inclusão de todos. Os alunos são avaliados em todos os aspectos, menos da forma tradicional. Com a parceria do orientador educacional, o aluno ao finalizar um projeto de estudo torna-se responsável juntamente com o professor por fazer uma avaliação produtiva do Projeto.

Existe um espaço na Ponte para que o aluno com domínio de um determinado conteúdo possa ajudar àqueles que apresentem alguma dificuldade e esse processo é visto como uma das principais formas de avaliação, quando o aluno tem propriedade do saber, ele escolhe com o orientador quando e de que forma será avaliado.

Em relação às notas, no sentido avaliativo foi criado apenas por exigência do Ministério de Educação de Portugal, sendo estas entregues aos pais ou responsáveis no final do ano letivo ou para alunos que façam a solicitação.

Na escola em questão, há vários mecanismos de organização no que diz respeito à Gestão. Foram criadas várias divisões e atribuições, visando ao bom funcionamento do Projeto Político-Pedagógico criado pela escola.

- *Coordenador Geral do Projeto* – É o responsável pelo corpo docente e discente, garante que todos os trabalhos dos núcleos e coordenadores sejam efetuados com sucesso, assim está no regulamento interno: p.11 art. 29, o coordenador do projeto é o principal promotor e garante a articulação do trabalho dos núcleos e dos respectivos coordenadores.

- *Conselho de Direção* – É o grande órgão responsável pela articulação da linha de atividade da escola, composto por 12 pessoas de diversos setores da escola, como Associação de pais, Conselho de Gestão, da Administração, Assembleia de alunos entre outros.

- *Coordenadores de Dimensão* – São os principais responsáveis pelo ensino ministrado, a fim de manter a fidelidade do projeto educativo da escola, dentro das seguintes dimensões: linguística, matemática, naturalista, artística, pessoal e social.

- *Equipe de Núcleo* – São os grupos que compõem o corpo docente de cada núcleo de projeto e são profissionais escolhidos por suas aptidões formativas. Seu trabalho central é apoiar e orientar os alunos nas dimensões curriculares previstos no 5º artigo do regulamento interno.

- *Núcleos do Projeto* – São os primeiros a cuidar de todos os aspectos pedagógicos da escola, desempenham um trabalho de formação com alunos e os orientadores educativos no desenvolvimento pessoal e social.

- *Orientador Educacional* – Em cada salão de estudos, ficam 7 ou 8 professores. A principal contribuição deles é formar alunos críticos e pensantes, solidários, livres e autônomos. Para isso, eles permanecem todo o tempo com os discentes a fim de prestar esclarecimentos quando forem solicitados a ajudar os alunos nas escolhas do material didático (Onde encontrar e o que será estudado)

- *Professor Tutor* – É responsável por acompanhar os alunos com mais proximidade. Cada tutor tem entre oito e onze tutorados que se reúnem periodicamente duas vezes por semana para seguir os trabalhos de todos de forma particular. É o tutor também que sempre fica à disposição das famílias para relatar o desempenho escolar, caso necessário.

- *Associação de Pais* – No caso de desentendimento entre os órgãos ou mediante o surgimento de problemas graves, o Conselho de pais reúne-se quando necessário. O Conselho tem um caráter distinto de reunião de pais que são os principais parceiros na educação das crianças. Graças ao empenho da associação, que o projeto Fazer a Ponte foi ampliado até o 3º ciclo e por estar em vigor, os pais não têm vínculo com o Estado e por isso, podem exigir o melhor para seus filhos. Já os professores devem obediência ao Estado, limitando assim suas indagações.

- *Assembleia da Escola* – É uma reunião dirigida por alunos e assistida por orientadores educacionais, tutores e alunos em geral. Na assembleia, são expostas todas as dificuldades e problemas enfrentados. Na oportunidade, são dadas sugestões para solucionar cada situação. Todos os alunos participam de maneira ativa, opinando diretamente, respeitando o tempo e a fala de cada colega. O presidente que rege a assembleia é escolhido num consenso realizado entre os alunos.

CONCLUSÃO

Para obtermos um ensino eficaz, é necessária uma ruptura com o tradicionalismo, como fez a Escola da Ponte, e trazer a campo uma transformação na educação, que tenha caráter formativo no que diz respeito à construção do ser humano nas áreas humanas, científicas, exatas, na autonomia, na solidariedade, na responsabilidade e na inclusão, um ensino que seja democrático, adaptado para a realidade de cada instituição.

Objetivou-se com a pesquisa, perceber nas mais variadas formas de ensinar e aprender com um ensino eclético, proporcionando uma formação e maturação de qualidade na comunidade escolar, respeitando o tempo, espaço e capacidade de cada um.

O projeto do professor José Pacheco já foi ministrado por três gerações, onde foram beneficiadas com a mesma didática de ensino, ou seja, toda a educação, a disciplina, a cultura, a valorização dos estudos. O sucesso intelectual e os valores pessoais e cognitivos perpassam por gerações, interferindo de forma direta na educação, na economia e no crescimento da comunidade local, mostrando, assim, como a formação “acadêmica” de qualidade faz a diferença para a população em geral.

Contudo percebe-se que, com a elaboração deste estudo, podemos diagnosticar o quanto pode ser significativo para a evolução da educação, como na formação dos professores, pois todos ensinam da forma que aprendem. E devemos pensar em uma escola inclusiva, não só para quem, a olho nu, precisa de inclusão, e sim, em todos que estão envolvidos no ambiente escolar, sendo ou não pessoas com deficiência.

A limitação do trabalho em questão se deu ao fato de não haver possibilidade de uma pesquisa de forma concreta na instituição estudada (Escola da Ponte), tendo espaço apenas para uma pesquisa de caráter investigativo.

Com o conhecimento do procedimento estudado e a eficiência dos seus métodos, percebemos que a didática do lecionar não está acompanhando a evolução do tempo contemporâneo, tendo em vista que as vias utilizadas para o ensino, atualmente, só visam aos cumprimentos de metas que possibilitem premiações e a aprovação em concursos, e não à construção do homem como ser livre, pensante e questionador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**, Papyrus, Capinas, 2004.

EQUIPE DOCENTE E GOVERNO PORTUGUÊS. **Contrato de autonomia**, Governo de Portugal e Escola da Ponte, Lisboa, 2013.

EQUIPE DOCENTE. **Projeto Fazer a Ponte** (Está sempre em evolução), Escola da Ponte, Vila das Aves, 1976.

EQUIPE DOCENTE. **Regulamento interno**, Escola da Ponte, Vila das Aves, 1976.

FLORIAN, L. Prática Inclusiva: **O quê, por quê e como?** In: TILSTONE, C.; FLORIAN, L.; ROSE; R. Promover a Educação Inclusiva. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.P.5.

GUARDA, Nathalia e OLIVEIRA, Anna. **Escola da Ponte: Um exemplo de escola inclusiva** (Programa de Pós-graduação), Marília, 2007.

NAIF, L. A. M.; SÁ, C. P., & Naif, D. G. M. (2005). **Exclusão social nas memórias autobiográficas de mães e filhas**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba. Naif 2005, p. 402.

PACHECO, José. **Caminhos para a inclusão**, Artmed, 2007.

PACHECO, José. **Escola da Ponte formação e transformação da educação**, Vozes, São Paulo, 2008.

ROHRS, Hermann. **Maria Montessori**, Massangana, Recife, 2010.

ROSA, Claudia Sueli Rodrigues Santa. **Fazer a Ponte para a Escola de todos**(tese de doutorado), Natal, 2008.

SASSAKI, Romeu Kasumi. Inclusão: **Construindo Uma Sociedade Para Todos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1997, 174p.

SITES PESQUISADOS

ALVES, Rubem. http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:l3fUBc5bIJMJ:www.feg.unesp.br/~saad/educacao/Rubem_alves_escola_da_ponte.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br, acesso em 09/07/15.

CRUZ, Giseli. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602007000100013&script=sci_arttext, acesso em 27/07/15.

CRUZ Giseli. <http://www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/60CO.pdf>, acesso em 26/07/15.

NASCIMENTO, Cristina. <http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/04122012Cristina%20de%20Fatima%20do%20Nascimento%20-%20TCC.pdf>, acesso em 25/07/15.

SANTOS, Ariane e RODRIGUES, Maria. <http://iseveracruz.edu.br/revistas/index.php/revistaveras/article/view/158/123>, acesso em 29/07/15.

<http://cef08planaltina.blogspot.com.br/2013/05/reflexao-de-jose-pacheco-respeito-da.html>, (Pacheco 2006) acesso em 20/07/15.

http://api.ning.com/files/wfYneB8Th2Y*Ch**BumqBDahmfFy8sUy1Fey8-4AcSEycjaGUaNzYqTxQXFgSH0KytdvLKgFCxLvusqsH-5CqE3lj7cGljO/fazer_a_ponte.pdf. Acesso em 25/07/15.

<http://brincareaprender1c.blogspot.com.br/2013/06/maria-montessori-e-o-material-dourado.html>, acesso em 19/07/15.

<http://rolandia.apaebrasil.org.br/noticia.phtml/46023>, acesso em 10/07/15.

<http://www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/60CO.pdf>, acesso em 28/07/15.

<https://linguaportuguesafacil.wordpress.com/um-passeio-pelo-mundo-da-pedagogia-freinet/>, (Freinet1924) acesso em 20/07/15.